



GABRIELA OLIVEIRA DA SILVA

O bilinguismo como condição de escrita: questões de
identidade e de língua em *Lettres parisiennes*, de Leïla Sebbar
e Nancy Huston

São José do Rio Preto
2016

GABRIELA OLIVEIRA DA SILVA

O bilinguismo como condição de escrita: questões de identidade e de língua em *Lettres parisiennes*, de Leïla Sebbar e Nancy Huston

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Linguística Aplicada), junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto)

Orientador: Profa. Dra. Maria Angélica Deângeli

São José do Rio Preto
2016

Oliveira, Gabriela

O bilinguismo como condição de escrita: questões de identidade e de língua em *Lettres parisiennes*, de Leïla Sebbar e Nancy Huston / Gabriela Oliveira da Silva. -- São José do Rio Preto, 2016.

80 f.

Orientador: Maria Angélica Deângeli

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.

1. Linguística aplicada. 2. Bilinguismo. 3. Identidade. 4. Huston, Nancy, 1953- *Lettres parisiennes* - Crítica e interpretação. 5. Sebbar, Leïla, 1941- *Lettres parisiennes* - Crítica e interpretação. I. Silva, Gabriela Oliveira da. II. Deângeli, Maria Angélica. III. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. IV. Título.

CDU – 41

GABRIELA OLIVEIRA DA SILVA

O bilinguismo como condição de escrita: questões de identidade e de
língua em *Lettres parisiennes*, de Leïla Sebbar e Nancy Huston

Dissertação apresentada como parte dos
requisitos para obtenção do título de Mestre
em Estudos Linguísticos (Área de
Concentração: Linguística Aplicada), junto ao
Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos, do Instituto de Biociências,
Letras e Ciências Exatas da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,
Campus de São José do Rio Preto)

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Maria Angélica Dêangeli
UNESP – São José do Rio Preto
Orientador

Profa. Dra. Érica Lima
Unicamp – IEL

Profa. Dra. Cristina Carneiro Rodrigues
UNESP – São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
29 de julho de 2016

Dedico o presente trabalho a todos que se interessam pelas questões humanas e sua relação com o mundo por meio da língua.

Agradeço

Aos meus pais e irmãs por sempre me incentivarem a estudar;

À Professora Maria Angélica por me orientar e apoiar na graduação e no mestrado;

À Professora Solange Aranha por ter aceito ser minha orientadora no papel;

Às Professoras Cristina Carneiro Rodrigues e Érica Lima pelas valiosas sugestões e observações pertinentes para a melhora do trabalho;

Aos meus amigos, que representam a lucidez e a alegria de lutar por nossos sonhos;

Ao meu noivo e melhor amigo, Douglas, por ser meu porto-seguro e nunca me deixar desistir;

E à Capes pelo auxílio financeiro que possibilitou que eu me dedicasse integralmente à pesquisa e, assim, fizesse um bom trabalho.

O que se estilhaça ao contato com a língua estrangeira é a ilusão de que existe um ponto de vista único sobre as coisas, é a ilusão de uma possível tradução termo a termo, de uma adequação da palavra à coisa. (Revuz, 1998, p. 223)

Qu'est-ce qui pousse la langue à être toujours sur les bords, tout près de l'abîme, là où ça bascule, ça bouscule, ça trébuche, bredouille, bafouille ; à être toujours au-delà ou en deçà, jamais sur le trait, sur la lettre, en écart, contre, à côté de la plaque, à côté de ses pompes ? Moi j'aime ma langue. Mais c'est quoi ma langue ? Avoir une langue à soi comme on a une chambre à soi. Avoir une langue et qui plus est une langue maternelle, une langue natale. Langue de la mère, langue des ancêtres, de la famille, langue du roman familial ? Et les langues autres, les autres langues, la langue des autres, l'autre de la langue, l'autre dans la langue ? Et la lalangue et l'élangue ? Aujourd'hui ce serait plutôt la déglangue ou la disneylangue. (Robin, 1993, p. 7)

Resumo

Objetivamos mostrar neste trabalho como a problemática da pluralidade identitária revela-se sintomática para aqueles que vivem entre línguas e entre culturas. Considerando que a identidade e a diferença se constituem na e pela linguagem e “não podem ser compreendidas, pois, fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido” (SILVA, 2000, p. 78), o processo de identificação para aqueles que transitam entre dois ou mais sistemas de significação torna-se ainda mais complexo. Com o intuito de elaborar uma reflexão nos e para os estudos da linguagem em um viés que destaca e questiona, sobretudo, a noção de identidade e de língua, este trabalho se propõe a investigar, a partir dos estudos de Coracini (2007a), de Deângeli (2012a, 2012b), de Derrida (1991a, 1991b, 1998, 2003), entre outros, uma obra que problematiza a situação do sujeito bilíngue a partir de sua condição de exílio (geográfico). Trata-se da obra *Lettres parisiennes: histoires d'exil* (1986), composta por cartas trocadas entre as escritoras de expressão francesa Nancy Huston e Leïla Sebbar. De modo específico, pretende-se, seguindo os rastros das línguas na escrita desses sujeitos “bilíngues”, elaborar uma reflexão sobre a noção de “bilinguismo” e seus possíveis deslocamentos e evidenciar as particularidades de um bilinguismo de escrita. O bilinguismo é aqui entendido não como fenômeno restrito aos que convivem com duas línguas desde a primeira infância, mas como acontecimento que atravessa a subjetividade daqueles que por diversas razões e em diferentes etapas da vida passaram a viver entre línguas e entre culturas. Esperamos contribuir com os estudos sobre as questões identitárias vinculadas à problemática da língua, mais especificamente aos fenômenos ligados ao bilinguismo, assim como divulgar os escritos de Nancy Huston e Leïla Sebbar.

Palavras-chaves: Identidade, Bilinguismo, Nancy Huston, Leïla Sebbar, *Lettres parisiennes*.

Résumé

*L'objectif de cette recherche est de montrer comment la problématique de la pluralité d'identités se révèle être significative pour ceux qui vivent entre des langues et des cultures. À partir de la considération selon laquelle l'identité et la différence se constituent dans et par le langage et « ne peuvent donc pas être comprises en dehors des systèmes de signification dans lesquels elles acquièrent du sens » (SILVA, 2000, p. 78), le processus d'identification pour les sujets qui transitent entre deux ou plusieurs systèmes de significations devient beaucoup plus complexe. Dans le but d'élaborer une réflexion dans le champ des études du langage par un biais qui met en évidence la notion d'identité et de langue tout en l'interrogeant, et ayant pour point de départ les recherches de Coracini (2007a), de Deângeli (2012a, 2012b), de Derrida (1991a, 1991b, 1998, 2003) entre autres, ce travail se propose d'étudier une œuvre qui problématise la situation du sujet bilingue à partir de sa condition d'exil (géographique). Il s'agit de l'œuvre *Lettres parisiennes : histoires d'exil* (1986), composée par des lettres échangées entre les écrivains d'expression française Nancy Huston et Leïla Sebbar. De façon spécifique, cette recherche envisage, à partir des traces de la langue dans les écrits de ces auteurs, d'élaborer une réflexion sur la notion de « bilinguisme » et de ses déplacements, tout en mettant en évidence ses particularités. Nous espérons donc apporter une contribution aux études sur les questions d'identité liées à la problématique de la langue, plus précisément aux phénomènes qui s'interrogent sur le bilinguisme. Nous envisageons aussi de diffuser les œuvres de Nancy Huston et de Leïla Sebbar.*

Mots-clés : identité, bilinguisme, Nancy Huston, Leïla Sebbar, *Lettres Parisiennes*.

Abstract

*This work pretends to show how the problem about the identity plurality reveals itself symptomatic for those that live between languages and between cultures. Whereas that the identity and the difference are constituted in and for the language and they “cannot be understood, so, out of the systems of signification in which they acquire meaning” (SILVA, 2000, p. 78), the identification process for those that transit between two or more systems of signification became even more complicated. In order to develop a reflection in and for the language studies in a bias that highlights and questions, mainly, the notion of identity and language, this work aims to investigate, starting from the studies from Coracini (2007a), de Deângeli (2012a, 2012b), de Derrida (1991a, 1991b, 1998, 2003), among others, a composition that problematize the situation of the bilingual subject from his/her exile (geographic) condition. It is the work *Lettres parisiennes: histoires d’exil* (1986), composed for letters exchanged between the writes of French expression Nancy Huston e Leïla Sebbar. Specifically, it is intended, following the traces of languages in the writing of this “bilingual” subjects, to elaborate a reflection about the notion of “bilingualism” and its possible displacement and to evidence the particularity of a bilingualism of writing. The bilingualism is understood here not as a restricted event to those that live with two idioms since first childhood, but as a happening that crosses the subjectivity of those for several reason and in different moments of life they began to live between languages and cultures. We hope to contribute with the studies about the identity questions bound to the language problem, more specifically to the events linked to bilingualism, as well propagate the writing of Nancy Huston and Leïla Sebbar.*

Key-words: Identity, Bilingualism, Nancy Huston, Leïla Sebbar, Lettres parisiennes.

Sumário

Introdução	10
Parte I – Noções de identidade e bilinguismo	17
1.1 Identidade(s)	21
1.2 Bilinguismo.....	32
Parte II – Identificações e Bilinguismo em <i>Lettres parisiennes</i>.....	41
2.1 Identificações com a terra: sobre heranças e moradas	43
2.2 Identificações com o exílio: sobre vivência entre culturas	51
2.3 Identificações com o gênero: sobre mulheres e feminismo	57
2.4 Identificações com as línguas: sobre o entre línguas	60
2.5 Identificações com a escrita: sobre escrita e língua “estrangeira”	67
Conclusões e encaminhamentos	73
Referências bibliográficas.....	77

Introdução

Meus estudos na área de letras, principalmente de língua francesa, levaram-me a ter interesse por assuntos que dizem respeito, de modo geral, às línguas estrangeiras e sua estreita relação com os fenômenos identitários, sobre os quais muito se fala na atualidade, por isso o intento de desenvolver uma pesquisa sobre questões que envolvessem a complexa e inevitável relação entre língua (estrangeira) e subjetividade, bilinguismo e identidade, mais especificamente, a partir dos trabalhos das escritoras francófonas¹ Nancy Huston e Leïla Sebbar, cujas trajetórias de escrita apontam para temas que perpassam diretamente a problemática do bilinguismo e do exílio.

Desse ponto de vista, esta pesquisa, embora abarcando um leque de conhecimentos bastante amplo, mas tencionando investigar, de perto, a questão do bilinguismo e de suas consequências identitárias para o sujeito envolvido nessa prática, situa-se no campo da Linguística Aplicada (LA). Cabe lembrar que as pesquisas desenvolvidas nas últimas décadas, no âmbito da LA, incluíram em suas reflexões o fenômeno da subjetividade tanto daquele que realiza a pesquisa, no caso, o pesquisador, quanto dos seus objetos de análise, sejam textos ou sujeitos. Então, partindo de uma perspectiva interdisciplinar e priorizando a questão do sujeito em sua relação com a(s) língua(s) na(s) qual(is) se expressa, este trabalho pretende colaborar com as reflexões promovidas no campo da LA.

Adotar procedimentos metodológicos na área de estudos à qual me dedico, um campo que se constitui pelo viés entre-disciplinar, significa estabelecer um arranjo entre várias etapas que compreendem, necessariamente, um trabalho de leitura e de análise. Nesse percurso, a leitura e a análise de textos teóricos e ensaísticos fazem parte de um mesmo movimento, pois além de servirem como base teórica para a interpretação de outros escritos, tais textos fazem, ainda que indiretamente, parte de nossa tarefa de análise. O próprio *corpus* desta pesquisa, aquele que consideramos como o *corpus* específico, o livro *Lettres parisiennes: histoires d'exil* (1986), de Nancy Huston e Leïla Sebbar, além de ser um aporte teórico, é o motivo principal da análise. Desta forma, almejamos construir um vínculo direto entre duas atividades (leitura e análise) que podem parecer muito distintas, mas que estão intrinsecamente ligadas.

Para elaborar uma reflexão sobre a noção de bilinguismo, discuto, a partir do trabalho de Coracini (2007a), as concepções de tal fenômeno que podem ser lidas sob um viés mais

¹ Adjetivamos a autoras de francófonas por terem como língua de produção o francês, mas sem esquecermos de problematizar a homogeneidade supostamente esperada pelo termo. Sobre o questionamento da noção de francofonia remetemos ao trabalho de Deângeli (2012b).

“tradicional” e as que se desenham de acordo com um pensamento dito “pós-moderno”, buscando demonstrar como a escrita de Huston e Sebbar deslocam a noção de bilinguismo não apenas corroborando as ideias pós-modernas (sobretudo de língua e de linguagem), mas também apontando para a complexidade que coloca a noção de “bilinguismo de escrita”. As particularidades desse bilinguismo de escrita foram buscadas nos indícios do próprio texto; as formas linguísticas usadas pelas autoras dão significado para a escrita evidenciando suas posições culturais e sociais, além de suas relações subjetivas com a língua francesa. Assim, este trabalho se volta para as questões discursivas e textuais para demonstrar a intrínseca relação entre identidade e escrita.

Isto posto, o objetivo geral desta pesquisa é refletir sobre a problemática da identidade vinculada à questão da língua e sobre as considerações acerca do bilinguismo desenvolvidas na área dos Estudos da Linguagem. De modo mais específico, pretendeu-se elaborar uma reflexão sobre a noção de “bilinguismo” e seus possíveis deslocamentos a partir da escrita de Nancy Huston e Leïla Sebbar, mais precisamente de sua obra *Lettres parisiennes: histoires d'exil*; verificar de que maneira a noção de “bilinguismo”, entendido de modo geral, pode se distinguir de um bilinguismo de escrita, de modo específico; e evidenciar as particularidades desse bilinguismo que se apresenta frequentemente como uma condição de escrita.

Nesse percurso, o trabalho apoia-se, então, a partir de uma vertente mais expressivamente cultural e identitária, nos trabalhos de Stuart Hall, *A identidade cultural na pós-modernidade* (1992/2000); nos escritos de Nadia Tazi, *L'identité* (2004), e no trabalho de Maria Angélica Deângeli, *A literatura na língua do outro* (2012a). No que diz respeito à questão do estrangeiro, a obra de Julia Kristeva, *Estrangeiro para nós mesmos* (1988/1994), e a de Jacques Derrida, *Da hospitalidade* (1997/2003), serão referências de leitura. No tocante à questão do bilinguismo, cabe destacar os escritos de Charles Melman, *Imigrantes* (1992), de Eric Clémens, *Les langues dans la langue* (1997), de Christine Klein-Lataud, *Les voix parallèles de Nancy Huston* (1996), além do trabalho de Nancy Huston (1986, 1999). No contexto de nossas leituras e no âmbito da Linguística Aplicada, devemos mencionar os trabalhos de Coracini, principalmente de suas obras *Identidade e discurso* (2003a), *O desejo da teoria e a contingência da prática* (2003b) e *Celebração do outro* (2007a) que, além de apontarem para uma reconsideração da questão da subjetividade (do sujeito bilíngue), também fazem repensar os limites teóricos e práticos da LA. É na redefinição desses limites, na reflexão sobre as fronteiras sempre mutáveis entre disciplinas que situamos nossa reflexão sobre bilinguismo. O bilinguismo é aqui entendido não como fenômeno restrito aos que convivem com duas línguas

desde a primeira infância, mas como acontecimento que atravessa a subjetividade daqueles que por diversas razões e em diferentes etapas da vida passaram a viver entre línguas.

A problemática das línguas passa pelas questões de identidade na medida em que tanto a língua quanto a identidade só ganham sentido dentro do sistema de significação no qual foram criadas, ou seja, elas são construções sociais e culturais, portanto, instáveis. Além de compartilharem dessa instabilidade fundante, são constitutivas uma da outra: não há processo de identificação sem língua. A língua na qual somos criados interfere em como vemos e entendemos o mundo e, ao mesmo tempo, a língua é moldada pela cultura e pela subjetividade dos seus falantes. São justamente as características de instável, processual e criável que nos levam a refletir sobre a heterogeneidade das línguas e dos sujeitos, pois admitir tal caracterização torna urgente repensar o paradigma essencialista e nos permite vislumbrar as inúmeras partes que “formam” o todo que chamamos de identidade. Essa multiplicidade faz com que a identidade seja algo indecifrável, assim, o que podemos depreender da suposta noção de identidade são apenas fragmentos: fragmentos de língua, de cultura, de história, de saberes. Para complicar, ao somarmos as línguas chamadas estrangeiras a essa reflexão, nos deparamos com o fato de que esses fragmentos se tornam ainda mais indecisos quando se trata de lidar com a “estrangeiridade do outro” vindo de outro lugar com uma língua também outra (Deângeli, 2012a). Aquele que vem de outro lugar é o estrangeiro, o imigrante, o sujeito lançado em movimento geográfico pelos fenômenos políticos e sociais reforçados pelo fenômeno da globalização e pela pós-modernidade.

Fala-se em pós-modernidade, em pós-colonialismo, em deslocamento e em descentramento, mas não devemos esquecer que é importante entender o processo de identificação partindo também de uma perspectiva subjetiva. Em ambas as visões, social e subjetiva, a língua é importante, mas de forma diferente. Não é contraditório abordar as duas vertentes, pois mostra a complexidade da questão da identidade que não pode nunca ser reduzida a um único fator. Falar de identidade é, sempre, muito complexo. A identidade é heterogênea: envolve cultura, língua, psique, vivência e nunca se completa. Nunca pode ser apreendida/entendida por completo por ser um processo constante.

Discute-se ao longo do trabalho em quais sentidos a língua compõe a identidade e como é composta essa língua que adjetivamos de “nossa”. Há a língua da “mãe” na qual aprendemos sobre nós e o mundo; a língua da sociedade pela qual tentamos nos integrar, interagir e nos identificar com grupos sociais; a língua dos livros didáticos que tentamos aprender, mas gera frustrações; a língua desconhecida das músicas e dos filmes com os quais nos identificamos mesmo sem entendê-los; a língua do outro dominante que nos é imposta como barreira social

(tanto a norma culta quanto a língua oficial muitas vezes imposta pela colonização). Todas essas línguas se imbricam e constituem o sujeito.

Considerando que todos convivemos com várias dessas (e outras) línguas, podemos pensar, então, que somos todos, ao menos, “bi-língues”? O que é ser bilíngue? Precisaríamos definir claramente o limite entre uma língua e outra para poder contá-las? Qual critério seguir para nomear um fenômeno como “bilinguismo”? O que difere uma língua da outra e a iguala a si mesma? Os mesmos questionamentos aparecem quando pensamos na identidade do sujeito, no “eu”. Aquilo que enunciamos como “eu” pode mudar a cada ato de fala. O “eu” surge de processos de identificação constantes e baseados na relação com o outro. Assim, identidade não é “algo igual a si mesmo”, mas sim aquilo que difere, que não coincide com si mesmo. Dessa forma, a complexa formação do sujeito e das línguas leva-nos à impossibilidade de separação total do eu e do outro, da língua materna e da língua estrangeira. Por isso, o presente trabalho argumenta, pautado nos trabalhos de pesquisadores como Coracini, Rajagopalan e Deângeli, em favor da constituição heterogênea da subjetividade e tenta demonstrar a impossibilidade da usual separação entre língua estrangeira e língua materna, por meio de análise da obra *Lettres parisiennes* (1986), de Nancy Huston e Leila Sebbar.

As cartas parisienses surgiram do desejo de dialogar sobre o exílio vivido pelas autoras. Na verdade, Nancy Huston, no início do projeto, tinha dúvidas se era exílio o que ela experimentava, por isso acrescentava o adjetivo “imaginário” ao seu exílio e “real” ao de Leila Sebbar. As duas mulheres se escrevem para “falar de infância e de amor, de livros, de vida cotidiana, mas também da língua, da terra e da alma...” (HUSTON; SEBBAR, p. 6, 1986)².

As cartas começaram a ser trocadas em 1983, porém a ideia é mais antiga e, por isso, sua publicação premeditada. Huston e Sebbar se conheceram em 1976, quando trabalharam na organização do projeto *Histoire d’elles* – um jornal organizado por e para mulheres, a maioria imigrantes. Foi desse encontro que surgiram a amizade e a ideia das cartas sobre o exílio, o deslocamento, a integração e o lugar das mulheres. Essas problemáticas já faziam parte da vida de ambas, facilitando a identificação e o início da amizade.

Nancy Huston nasceu em Calgary, cidade anglófona no Canadá, morou nos EUA e mudou-se para França em 1973, aos 20 anos, para fazer mestrado sob orientação de Roland Barthes. Sua pesquisa, sob o título *Dire et interdire: éléments de jurologie*, foi publicada em 1980, pela editora Payot. Sua carreira de romancista começou em 1981, com *Les variations Goldberg*, e publicou *Histoire d’Omayya* em 1985. Antes disso, em 1979, escreveu seu primeiro

² *Parler d’enfance et d’amour, de livres, de vie quotidienne, mais aussi de la langue, de la terre, de l’âme...*
Todas as traduções são nossas, salvo indicação em contrário nas referências bibliográficas.

ensaio em francês, *Jouer au papa et à l'amant*, e publicou textos em revistas ligadas ao Movimento das Mulheres entre os anos 1970 e 1975, como declarou em uma entrevista concedida em 2012: “Eu comecei com poesia aos 10 anos. Depois eu experimentei verdadeiramente a magia da escrita ao redigir meus primeiros textos para revistas ligadas ao Movimento das Mulheres nos anos 1970 – 1975” (HUSTON, 2012)³. Anos mais tarde, com *Playsong* (1993), Huston voltou pela primeira vez a escrever na sua língua materna e sobre seu país de nascimento. Porque o romance foi recusado pelos editores, ela o reescreveu em francês. A nova versão, *Cantique des plaines* (1993), fez sucesso, rendendo prêmios e polêmicas para a autora⁴. A partir desse momento, Huston passou a escrever seus romances nas duas línguas e traduziu os antigos, porém seus artigos e ensaios continuam sendo escritos exclusivamente em francês.

Já Leïla Sebbar é argelina, filha de pai argelino e mãe francesa, ambos professores, recebeu educação francesa e frequentou escolas cuja única língua era o francês, uma vez que seu país era colônia francesa na época. Sebbar mudou-se para a França, em 1961, aos 20 anos para estudar Letras em *Aix en Provence*, depois em Paris, na *Sorbonne*. Ela centrou suas pesquisas, antes de passar à ficção, na figura do “bom negro” na literatura colonial francesa do século XVIII, na educação das garotas e nas violências contra as meninas, graças ao trabalho de reflexão com outras mulheres durante o MLF (Movimento de Liberdade das Mulheres). Seu doutorado, intitulado *Bon nègre dans la littérature coloniale française au 18ème siècle*, foi publicado em forma de ensaio em dois volumes na revista *Les Temps Modernes*, fundada por Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Em 1976 Sebbar dirigiu, na mesma revista, um número especial sobre a educação das garotas do século XVIII ao XX, com outras mulheres, escritoras, universitárias, filósofas e sociólogas, intitulado *Petites filles en éducation*.

Sebbar fundou, com mulheres jornalistas, fotógrafas, designers, estudantes, cartunistas e professoras, o jornal *Histoires d'Elles*, jornal de mulheres, veículo de comunicação artesanal e independente que procurava se destacar das outras revistas femininas tradicionais. A aventura durou três anos (1976-1979-1980). No mesmo período, ela colaborou com a revista *Sorcières*, fundada por Xavière Gauthier. Em 1981, dedicou-se a um trabalho sobre a cultura doméstica das mulheres: *Des femmes dans la maison, anatomie de la vie domestique*. Colaborou com um

³ *J'ai commencé par des poésies à l'âge de 10 ans. Puis j'ai vraiment ressenti la magie de l'écriture en rédigeant mes premiers textes pour des revues liées au mouvement des femmes dans les années 1970-1975.*

⁴ Após quase quatro anos de trabalho, os dois livros foram lançados em datas próximas, sendo que a versão em francês ganhou o prêmio *Gouverneur Général* de melhor romance em Quebec. Tal fato desencadeou grande polêmica no meio literário, pois, para alguns críticos, o livro deveria ter concorrido na categoria tradução e não romance. Para uma leitura detalhada sobre o assunto, ver o artigo de Christine Klein-Lataud: “*Les voix parallèles de Nancy Huston*”, 1996.

jornal sobre a imigração e o terceiro mundo, *Sans Frontières*, no qual ela tinha uma coluna de entrevistas nomeada *Mémoires de l'immigration*.

Antes de seus primeiros textos de ficção, Sebbar publicou ensaios que combinam pesquisas de campo e reflexão: *On tue les petites filles* (1978), no qual ela fala sobre a violência contra as meninas e *Le pédophile et la maman* (1980), no qual problematiza o “amor” sexual dos adultos por crianças. Entre seus vários romances, novelas e ensaios, os mais vendidos são: *La Seine était rouge* (1961); *On tue les petites filles* (1978); *Le Pédophile et la Maman* (1980); *Parle mon fils, parle à ta mère* (1984); *Le Chinois vert d'Afrique* (1984); *Les Carnets de Shérazade* (1985); *Silence des rives* (1993), ganhador do prêmio Kateb Yacine ; e *Je ne parle pas la langue de mon père* (2003).

O livro *Lettres parisiennes: histoires d'exil* representa, dentro da produção das autoras, uma confirmação do lugar do exílio nas suas ficções, nos romances, nas novelas e o lugar delas de escritoras em exílio. A escolha do gênero epistolar está diretamente relacionada com o objetivo da obra. Trata-se de um gênero livre, com poucas formalidades, que faz apelo à oralidade e ao subjetivo. É uma forma de expressar pela escrita a subjetividade, evitando o modelamento imposto por outros gêneros, tanto literários quanto acadêmicos. O objetivo do projeto, como indicado pelo subtítulo da obra, é contar histórias pessoais de sujeitos que sentem viver o exílio. E é exatamente isso que encontramos ao longo das 30 cartas: confissões, relatos, análises, provas da existência longe da terra natal, sendo tudo registrado na língua do outro, no caso, a língua francesa.

É preciso lembrar que em 1983 não existiam as redes sociais, os blogs e vlogs, hoje tão utilizados para expor nossas múltiplas identidades e, ao mesmo tempo, aproximar os continentes, diminuindo, talvez, a sensação de saudade e isolamento. Atualmente, estabelecer vida na França não significaria afastar-se da família e dos amigos, como significou para as autoras. Os e-mails, as fotos, os celulares permitem contato constante com aqueles que estão fisicamente longe – por vezes diminuindo o contato com aqueles que estão fisicamente perto. Talvez essa diferença nos meios de comunicação contribua com a leitura das cartas não como simples trocas de correspondências, mas como uma obra sobre o exílio e o bilinguismo realizada em conjunto por duas escritoras que vivem o movimento geográfico e de língua como possibilidade de escrita.

Contextualizado o *corpus* e a pesquisa, cabe explicitar a estruturação do trabalho, que está dividido em duas partes. Na primeira parte é apresentada uma revisão teórica de certas noções fundamentais à nossa pesquisa, a saber: identidade e bilinguismo. Trazemos alguns trabalhos acerca da identidade para contextualizar a importância do tema e apresentar diferentes

conceitos que se complementam provando a complexidade constitutiva da noção de identidade. Depois, voltamo-nos para a questão do bilinguismo a partir da exposição de como esse fenômeno tem sido trabalhado, para apresentarmos nossa noção de entre línguas e pensarmos nas especificações de um bilinguismo de escrita. Não há tópico exclusivo para falar de língua, pois a problemática da língua está no cerne da discussão tanto da noção de identidade quanto da noção de bilinguismo. Na segunda parte apresentamos nossa análise das implicações subjetivas do viver entre línguas a partir da escrita das autoras Huston e Sebbar. O enfoque da análise são as representações desse viver entre línguas e culturas e o papel da escrita na vida desses sujeitos ditos exilados e bilíngues. O capítulo de análise está estruturado em eixos temáticos, escolhidos por terem despertado fortemente nossa atenção durante a leitura das cartas. Por fim, apresentamos uma reflexão com base no que foi estudado durante a pesquisa de mestrado e encaminhamentos do que se pode avançar no campo dos estudos da linguagem acerca da identidade e do bilinguismo a partir de nosso trabalho, considerando que a obra estudada nos mostra que a escrita se constitui no entre línguas, sendo o estranhamento da língua o material de trabalho do escritor.

Parte I – Noções de identidade e bilinguismo

Definir identidade e bilinguismo não é tarefa simples pois abarcam fenômenos complexos. Ambas são noções consideradas relevantes na chamada pós-modernidade, termo também de difícil definição. Para demonstrar tal complexidade e relevância traremos diferentes autores que já se debruçaram sobre a problemática identitária-linguística e o fazer científico atual.

Primeiramente, é importante diferenciar e relacionar os termos pós-modernismo e pós-modernidade. Hutcheon (1989) trabalha essa diferenciação mostrando que o pós-modernismo é o movimento cultural que buscou rever os valores do modernismo nas produções artísticas; e a pós-modernidade designa um período social e filosófico que entende a cultura como efeito das representações, e não como fonte, e desconfia dos discursos totalizantes e homogeneizantes. Por isso, esses termos podem ser interligados, mas não são intercambiáveis. O termo pós-modernidade vem sendo usado para situar teoricamente diversas posições, como a metafísica da presença do filósofo franco-argelino Jacques Derrida, as investigações sobre saber, poder e discurso de Michel Foucault, os questionamentos das metanarrativas feitos por Jean-François Lyotard, entre outros. O ponto em comum na discussão desses autores é a problematização do(s) discurso(s), a desconfiança em relação à ordem do sistema, que passa a ser entendido como uma construção humana (HUTCHEON, 1989, p. 24) e a necessidade de um movimento de revisão dos conceitos para ir além dos mesmos. Nas palavras de Arrojo:

A preocupação básica partilhada pelas diferentes tendências do pensamento crítico contemporâneo associado à pós-modernidade se resume, por exemplo, numa tentativa de desconstruir, ou desnaturalizar, o embasamento que compõe nossas rotinas, concepções e visões de mundo, mostrando que tudo aquilo que nos acostumamos a encarar como natural é, na verdade, cultural e histórico e, portanto, determinado pelas circunstâncias e pelos interesses que o produzem; em suma, nada mais, nada menos do que uma construção humana, com todas as marcas, limitações e vieses inerentes a essa condição. (ARROJO, 1996, p. 54-55)

Na área dos estudos da linguagem, o pensamento pós-moderno está associado ao chamado pós-estruturalismo, este, por sua vez, possui uma relação complementar com o estruturalismo. Ainda segundo Arrojo (1996):

Como na complexa relação entre modernidade e pós-modernidade, pode-se dizer que há, entre estruturalismo e pós-estruturalismo, uma relação paradoxal que se divide entre uma oposição radical e uma complementaridade. Na passagem (sem fronteiras claramente demarcadas) que marca a transição do

estruturalismo para o pós-estruturalismo, há uma radicalização de *insights* e pressupostos que, de certa forma, permite pensar a reflexão pós-estruturalista como uma espécie de estruturalismo mais atento e menos iludido. (p. 60)

Pode-se dizer que da mesma forma que o início do estruturalismo linguístico costuma ser atribuído ao linguista Ferdinand Saussure, o pós-estruturalismo é comumente associado aos escritos de Derrida, que “‘mostra’ ao texto de Saussure aquilo que esse texto não pôde ‘ver’ para poder se constituir no texto inaugural da chamada ‘ciência’ da linguagem e da reflexão estruturalista” (ARROJO, 1996, p. 60).

Derrida, em seu texto *A farmácia de Platão* (1991a), faz uma leitura do *Fedro*, de Platão, na qual questiona os três preceitos da metafísica ocidental, que ele nomeia de “metafísica da presença”: o logocentrismo, o falocentrismo e o fonocentrismo. Nascimento (2004), a partir de seus estudos sobre Derrida, explica que “essa metafísica da presença significa que no discurso platônico interessa preservar uma presença original, representada pela figura ‘paterna’, daquele que enuncia e controla seu próprio discurso, evitando o erro e o logro interpretativos” (NASCIMENTO, 2004, p. 23). Derrida observa que em *Fedro*, passagem no qual Sócrates narra ao seu discípulo Fedro o mito do surgimento da escrita, a escrita é relegada a um lugar subalterno em comparação ao discurso falado e, assim, o autor atribui ao discurso platônico a fundação da metafísica ocidental e seus preconceitos.

Um desses preconceitos seria o *falocentrismo*, ou seja, “o privilégio do *phallus* (a representação do pênis), já que o valor de presença é uma referência à virilidade como modo privilegiado da relação a uma origem simples, não-dividida, idêntica a si mesma” (NASCIMENTO, 2004, p. 26). A escrita complexifica essa suposta origem ao ser capaz de “repetir sem saber” e capaz de mudar o pai, já que este não está presente, por isso é considerada órfã e parricida. Tal independência em relação ao autor e ao destinatário é o que, para Derrida, define a escrita, conforme aponta Silva (2000):

Para Derrida, o que caracteriza a escrita é precisamente o fato de que, para funcionar como tal, uma mensagem escrita qualquer precisa ser reconhecível e legível na ausência de quem a escreveu e, na verdade, até mesmo na ausência de seu suposto destinatário. Mais radicalmente, ela é independente até mesmo de quaisquer supostas intenções que a pessoa que a escreveu pudesse ter tido no momento em que o fez. (SILVA, 2000, p. 94)

Essa característica da escrita – característica de ser repetível presente também na linguagem – é chamada de “citacionalidade”, pois ela pode ser sempre retirada de um contexto e inserida em outro, carregando traços de sentido e fazendo surgir novos. Além da

“citacionalidade”, outra característica da escrita é sua “indecidibilidade”, como afirma Nascimento:

o problema da escrita é sua *indecidibilidade*, calcada na razão de ser um simulacro: detém os aspectos da vida, quando na verdade está morta; parece representar de maneira legítima o pai, quando potencialmente o des-apresenta, pois pode dizer o que ele jamais diria, embora pareça sempre dizer a ‘mesma coisa’... (2004, p. 27)

Outro preceito da metafísica ocidental é o *logocentrismo*: a centralidade no *lógos* fruto de uma consciência interiorizada que se expressa pela fala. Essa crença de que a fala é a expressão direta do pensamento é chamada de *fonocentrismo*, fenômeno no qual a voz representa a unidade discursiva. Nesse cenário, a escrita é considerada parricida, uma mera cópia do discurso vivo, artificial e afastada desse *lógos* que só pode se expressar por meio do discurso falado. Nesse sentido, “o *lógos* é, portanto, a origem da paternidade, enquanto a escrita é a fonte da tormenta, com a morte anunciada do pai” (NASCIMENTO, 2004, p. 22).

Derrida criou o operador textual arqui-escrita, fala-e-escrita, para ir além do fonocentrismo, no qual a escrita é considerada inferior por ser uma representação da fala, enquanto a fala é considerada a manifestação direta do pensamento, repensando a “origem” comum do discurso oral e do discurso escrito. Para o autor, a fala só poderia ser “natural” se os signos fossem motivados, se existisse um sentido prévio e universal. Porém, essa hipótese é contestada a partir do próprio conceito saussuriano de língua, como escreve Rodrigues:

O conceito saussuriano de que a língua seria um sistema de signos diferenciais e arbitrários é seu ponto de partida para concluir que, se o significado subsiste em várias estruturas de relações, não é único e irrepetível, mas radicalmente arbitrário, não se limitando a alguma correspondência ideal entre som e sentido. (RODRIGUES, 2000, p. 197)

A arqui-escritura implica uma forte indecidibilidade quanto ao funcionamento da linguagem já que inverte e desloca os valores tradicionais do logocentrismo e do fonocentrismo para o espaço reinventado da alteridade. Nesse espaço a leitura só é possível por meio do rastro que é “por definição finito, delével, embora tudo se faça para que sua inscrição dure, permaneça, resista. A restância do rastro é o índice mesmo de sua resistência” (NASCIMENTO, 2004, p. 35).

Considerando, então, a arbitrariedade do signo, pode-se dizer que tanto a fala quanto a escrita não são representações diretas do pensamento e, portanto, uma forma de expressão não é mais “verdadeira” que a outra. “Para Derrida, há sempre algo de ‘escrito’ em toda fala e há

algo de ‘oral’ em todo escrito” (NASCIMENTO, 2004, p. 34). Toda produção em termos de linguagem é constituída por questões sociais e culturais. Constituição que restringe o que pode e o que deve ser dito. O que Derrida coloca em relevo é o fato de que não existe significado fora do jogo da linguagem, fora da natureza diferencial dos signos que implica que todos os signos, sejam escritos ou falados, são “signo de um signo”.

Nesse sentido, o signo sempre representa outro signo, e nunca a “coisa em si”, caracterizando um movimento incessante, sem parada anterior nem posterior. De acordo com Nascimento (2004):

A realidade da coisa é o próprio rastro. A “coisa em si” [...] nunca existiu, pois o que sempre ocupou o lugar da origem nada mais foi do que o rastro, isto é, a *marca* de uma inscrição ‘arcaica’ (sob rasura) que não se deixa mais apreender na oposição presença/ausência, mas a precede como meio (*milieu*) indecível. Assim, o valor geral da escrita (ainda de certo modo preso à oposição com a fala) se deixa apreender pelo valor inaugural de arqui-escrita, incluindo-se nisso a própria *phoné*, a pretensa voz autoral como fator de intencionalidade una e homogênea. Assim, a arqui-escrita inverte e desloca os valores tradicionais do logocentrismo e do fonocentrismo, deslocando-os para um outro horizonte, o espaço reinventado da alteridade. (p. 35)

Esse movimento infinito de adiamentos e remissões foi nomeado por Derrida de “*différance*”. Termo que remete tanto ao ato de diferenciar quanto ao de adiar, pois a “coisa em si” nunca está presente, e o sentido se dá sempre em uma relação diferencial. Esse jogo da “*différance*” se constitui com base no rastro que liga um elemento ao outro do sistema. O rastro é a marca do elemento passado e, ao mesmo tempo, do elemento futuro presentes no processo de significação, isto é, “todo elemento só funciona como signo se remeter a outro signo que não está presente, ou seja, ele se constitui a partir dos rastros dos outros elementos da cadeia ou do sistema” (RODRIGUES, 2000, p. 199). A ilusão da presença no signo é necessária para que ele funcione, afinal o signo está no lugar de alguma outra coisa, estando, então, a promessa da presença integrada à ideia de signo. Em outras palavras: “O signo carrega sempre não apenas o traço daquele que ele substitui, mas também o traço daquilo que ele não é, ou seja, precisamente da diferença. Isso significa que nenhum signo pode ser simplesmente reduzido a si mesmo, ou seja, à identidade” (SILVA, 2000, p. 79).

Esse entendimento de que o sentido só aparece dentro do jogo de diferenças e adiamentos marca a importância da alteridade e invalida, uma vez mais, a noção de um “significado transcendental” – já que mesmo num dicionário o conceito em si é sempre adiado, remetido a outros signos e sobrevive apenas por meio do traço –, o que força uma revisão de conceitos

como os de tradução e original. Esse movimento de revisão dos conceitos na tentativa de ir “além” dos mesmos ocorre com base no que Derrida apresenta como “desconstrução”.

No texto “Carta a um amigo japonês” (1998), Derrida expõe que a desconstrução não é um método e não pode ser confundida com destruição, nem com análise que visa separar as unidades até encontrar uma origem única. Na verdade, a desconstrução está relacionada a questionamentos, dúvidas, movimentos de leitura; desconstruir é desmontar e remontar o sistema. Ou seja, questionar o funcionamento colocando em xeque ideias que até então eram naturalizadas, por exemplo a noção de autor como responsável pela verdade e pelo destino de seus enunciados e a noção de origem única e reconhecível. É importante notar que questionar não é negar nem inverter; em outras palavras, a desconstrução é um questionamento da hierarquia que subordina e tenta excluir aquilo que constitui o sistema.

Por exemplo, as hierarquias pautadas nas dicotomias cartesianas que colocam a essência, a razão, o inteligível, o sujeito, o europeu e o homem em oposição, respectivamente, à aparência, ao sentido, ao sensível, ao objeto, ao não-europeu e à mulher. Nesses binarismos, o segundo termo é sempre considerado inferior e deixado fora dos interesses científicos e políticos. Entretanto, Derrida mostra justamente como um termo é dependente do outro, não podendo ser totalmente separados, enfatizando, simultaneamente, a singularidade e a similaridade, o outro e o mesmo. Um termo só ganha sentido com a presença da ausência do outro, no rastro, não podendo, portanto, nunca se desfazer daquele outro que o constitui, ainda que pela diferença.

Assim, contextualizado o aparato teórico-metodológico deste trabalho, é partindo das reflexões pós-modernas e tencionando desconstruir “certezas” que discorreremos sobre identidade e bilinguismo.

1.1 Identidade(s)

Cabe, num primeiro momento, questionarmos a noção de identidade. Existem inúmeras definições e empregos diferenciados da noção de identidade, sendo grande a diversidade e até a ambiguidade na utilização do termo, por isso apresentaremos os textos de alguns pesquisadores que se debruçaram sobre esta questão, a fim de demonstrarmos como as mudanças de visões sobre o que é identidade influenciaram o modo de entender o viver entre línguas e foram influenciadas pelas movimentações geográficas e linguísticas.

Rajagopalan (1998) reflete sobre a importância de se pensar e discutir a questão da identidade na área dos estudos linguísticos, pois muitas vezes a diferença entre uma língua e

outra não é linguística, mas sim geopolítica e religiosa. Por isso é essencial repensar tanto a identidade de uma língua quanto a identidade do falante de uma língua. Num mundo cada vez mais globalizado, as fronteiras entre os diferentes povos vão se afinando, levando o monolinguismo à quase extinção e aumentando o alcance das implicações do multilinguismo e do multiculturalismo. Implicações que pedem uma revisão do conceito tradicional de identidade como algo total e estável, pois tal noção já não tem nenhuma utilidade prática nesse mundo marcado pela entremesclagem cultural, religiosa e étnica. A falta de uma hierarquia rígida faz com que a resposta à pergunta “Quem sou eu?” fique mais complicada. Nesse contexto, Rajagopalan (1998) conclui, e, desta forma, concordamos com ele, que “a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela”, ou seja, “o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua” (p. 41). Nesse sentido, falar de identidade é recorrer a uma ficção conveniente, pois ela é indecifrável, fluída e mutante. Conveniente, também, pois está ligada a interesses ideológicos, como escreve Rajagopalan (1998):

[...] a própria questão da identidade está ligada à ideia de interesses e está investida de ideologia. Assim a construção de identidades é uma operação totalmente ideológica. Não é preciso dizer que qualquer impulso para repensar a identidade também terá de ser uma resposta ideológica a uma ideologia existente e dominante. (p. 42)

Tal resposta, poderíamos dizer, é o surgimento de uma nova visão do que seria um indivíduo, no campo das ciências humanas, que passa a ser entendido como um sujeito constituído sócio e historicamente e conduzido pelo inconsciente.

Nesse contexto, chamamos especial atenção para os trabalhos de Stuart Hall, em particular, para sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade” (1992/2000), na qual sintetiza as grandes mudanças que levaram ao descentramento do sujeito – mudanças no modo de entender o mundo e o homem levaram a diferentes modos de entender a relação do homem com o mundo. Segundo Hall (1992/2000), o descentramento do sujeito é um fato que está ligado ao acontecimento da “modernidade tardia” ou “pós-modernidade”, na qual a concepção de sujeito centrado, soberano, dono de si mesmo e da razão que o conduz, características que remontam à ideia de sujeito difundida pelo Iluminismo, já não tem mais lugar. O sujeito pós-moderno é heterogêneo e fragmentado, construído histórico e socialmente e, ao mesmo tempo, dotado de um inconsciente que opera em suas ações.

Com essa visão fragmentária de sujeito, vemos também surgir novas consequências para o fenômeno do que chamamos identidade, ou seja, a identidade passa a ser vista como um fenômeno em constante crise. De acordo com Hall:

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (Hall, 1992/2000, p. 7)

Esses quadros de referência seriam a cultura entendida como modo de vida de um povo, que é abalada pela entremesclagem cultural. Com as novas tecnologias, os povos e suas culturas se misturam cada vez mais, diluindo as fronteiras que diferenciavam e caracterizavam cada grupo. Mathews (2002), ao refletir sobre as questões culturais, traz à tona a polêmica dos “supermercados culturais”, nos quais itens de cultura seriam produtos a serem hipoteticamente escolhidos livremente pelos sujeitos. Segundo o autor, há três níveis de formação cultural do sujeito que de forma muito geral podem ser considerados como:

(1) formação profunda que acontece além do controle do eu e acima de tudo exceto compreensão indireta; (2) formação de nível médio que acontece além do pleno controle do eu mas dentro de sua compreensão; e (3) formação superficial que acontece com o que o eu vê como controle e compreensão totais. (MATHEWS, 2002, p. 44-45)

O chamado “supermercado cultural” faz parte do terceiro nível, entretanto, as escolhas nesse “supermercado” não são totalmente livres por duas razões: (i) geralmente procuramos o que parece com o que já conhecemos; (ii) as culturas ficam “expostas” de forma assimétrica, sendo mais fácil ter acesso àquelas de maior poder. Mathews (2002) entende a identidade como a forma como o eu se concebe e se rotula considerando o meio no qual esse eu se insere. Em suas palavras:

Além disso há o fato de que as escolhas que cada um de nós faz quanto à identidade cultural são feitas não para nós mesmos, mas para o desempenho para e na negociação com outras pessoas: escolhemos dentro do supermercado cultural com um olho no nosso mundo social. (MATHEWS, 2002, p. 56)

Assim, os movimentos geopolíticos e as tecnologias contribuem para uma maior suposta liberdade na formação identitária desse sujeito que passou a ter inúmeras possibilidades de itens culturais a sua disposição, contudo, as relações de poder exercem grande influência na cultura e nas escolhas dos sujeitos. As possíveis identidades são fortemente influenciadas pelas posições geográficas e sociais, o que cria limites e, conseqüentemente, marginaliza algumas

identidades. Tal limitação, porém, não impede de os sujeitos tentarem ir além das fronteiras, as quais estão cada vez mais finas e turvas por causa da maior e mais rápida movimentação e das novas “configurações” de mundo. Desse modo, o espaço criado pelo embate entre a mudança e a manutenção, a cultura do Estado e a cultura de Mercado, contribui ainda mais para a chamada “crise de identidade”.

A pressão exercida pelos jogos de poder é um dos temas centrais dos estudos sobre pós-colonização, como vemos no trabalho de Emmanuel Renault (2004), *L'enjeu politique de l'identité*, no qual ele postula que a identidade se tornou um problema ao mesmo tempo teórico e prático e a define como:

[...] ao mesmo tempo o que somos individualmente e o que queremos ser; ao mesmo tempo aquilo que nos especifica e a maneira pela qual nós representamos nossa especificidade; ao mesmo tempo a maneira pela qual nós nos designamos individualmente e aquela pela qual nós nos identificamos às normas gerais e às normas de grupos. (Renault, 2004, p. 113)⁵

O texto de Renault (2004) versa sobre o jogo político da identidade. Jogo que envolve a questão valorativa; tanto do valor que damos a nossa própria identidade quanto do valor que nos é atribuído pelo outro. Para o autor, a identidade torna-se uma questão política a ser reivindicada a partir do momento em que ela entra em crise, abalada pela globalização que dilui os limites das identidades culturais acentuando a problemática política presente no embate entre “identidades de grupo” e “identidades individuais”. As constantes lutas por reconhecimento de identidades minoritárias mostram que o sujeito necessita ter seus modos de vida valorizados como forma de ter sua identidade reconhecida. Mesmo que alguns extremistas digam que as identidades coletivas estão caindo em desuso, é difícil negar que a identidade esteja ligada ao auto-reconhecimento e ao reconhecimento pelo outro; ou seja, a identidade é uma questão pessoal e política ao mesmo tempo. Isto posto, o autor conclui que a identidade é uma questão política por ser uma necessidade fundamental:

Se a necessidade de reconhecimento do meu valor é indissociável da maneira pela qual eu represento minha identidade pessoal, então o reconhecimento social da identidade deve constar entre as necessidades fundamentais do eu. As lutas pelo reconhecimento são, então, políticas no sentido em que elas são portadoras da exigência de um mundo que permite a satisfação de tais necessidades. (RENAULT, 2004, p. 132)⁶

⁵ [...] tout à la fois ce que nous sommes individuellement et ce que nous voulons être ; tout à la fois ce qui nous spécifie et la manière dont nous nous représentons notre spécificité ; tout à la fois la manière dont nous nous désignons individuellement et celle dont nous nous identifions à des normes générales et à des groupes.

⁶ Si le besoin de reconnaissance de ma valeur est indissociable de la manière dont je me représente mon identité personnelle, alors la reconnaissance sociale de l'identité doit compter parmi les besoins fondamentaux du moi.

A dimensão política das questões identitárias também se faz existente pelo fato de a identidade ser constituída por relações de assujeitamento e por ser determinada intersubjetivamente dentro de um quadro de relações sociais passíveis de um julgamento político (RENAULT, 2004, p. 132). Dessa forma, Niranjana (1992) nos lembra que, no projeto pós-colonial, as práticas de sujeição estão implícitas, ocorrendo não apenas pelas máquinas de poder, mas especialmente por meio dos discursos. A literatura, bem como a tradução, tem um papel importante nessa sujeição do colonizado ao diluir a percepção da assimetria em um duplo movimento: leva a cultura do colonizador para a vida do colonizado; e estereotipa o colonizado para a apreciação do colonizador. Assim, observa-se que o que permanece é a ilusão de transparência e de igualdade, quando, na verdade, as relações são sempre desiguais. Os laços entre o subalterno e o dominante são sempre uma experiência violenta e emocional, tanto no contexto colonial, quando se instaurou um fascínio não recíproco, quanto no pós-colonial, quando a subversão e a celebração da heterogeneidade surgem, mas sem serem capazes (é questionável se há tal objetivo) de mudar as hierarquias das relações de poder.

Nesse contexto de desestabilização de certas noções preestabelecidas, principalmente, das noções de sujeito e de identidade – ambas percebidas como questões de ordem ideológica e política, e não mais como características inerentes ou essencializadas –, é importante trazer à baila um aspecto relevante para o desenvolvimento deste trabalho: a problemática da diferença.

A questão da diferença emergiu como fenômeno de relevância nos estudos da linguagem sobretudo depois do advento do que se convencionou chamar de globalização. A ideia de que o mundo é uma “aldeia global”, para retomar a expressão há muito evidenciada por McLuhan (1964/1968), não deixou de ter suas consequências para todos os sujeitos dessa suposta aldeia. Ser diferente, quando tudo pretende estar conectado a um mesmo paradigma, ganhou ares de reivindicação política – o que não deixa de ser também uma reivindicação econômica, social, cultural e linguística.

Silva (2000) analisa os sentidos e as funcionalidades dos termos identidade e diferença, deslocando a ideologia liberal segundo a qual elas seriam naturais e essenciais para, então, entendê-las como resultados de atos de criação linguística, com todas as implicações da instabilidade da linguagem. Nessa perspectiva, a diferença é o processo pelo qual se produz a identidade e a diferença, ou seja, ambas possuem uma relação estreita de dependência. De forma que primeiro ocorre a percepção das diferenças e depois a identificação. Segundo Silva (2000):

Les luttes pour la reconnaissance sont alors politiques au sens où elles sont porteuses de l'exigence d'un monde permettant la satisfaction de tels besoins.

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (p. 76)

Seguindo o pensamento de Silva (2000), “é apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais” (p. 77) – pois identificar-se é dizer sobre si constituindo-se por aquilo que foi dito – e ambas só adquirem sentido dentro de um sistema de significação. Ao enunciar positivamente “eu sou x”, várias negativas ecoam, como “eu não sou a, b, c”. Isso implica um sistema de significação marcado pela distinção – tal qual o sistema linguístico. Daí a relação intrínseca entre linguagem e identidade, pois o signo de Saussure também não tem valor absoluto e não coincide nunca com a coisa ou conceito em si, sendo ambos – a identidade e o signo – marcados pela diferença e pelo adiamento da presença, ou seja, se constituem no rastro. Nas palavras do autor:

Em outras palavras, podemos dizer, com Derrida, que a plena presença (da “coisa”, do conceito) no signo é indefinidamente adiada. É também a impossibilidade dessa presença que obriga o signo a depender de um processo de diferenciação, de diferença [...]. Derrida acrescenta a isso, entretanto, a ideia de traço: o signo carrega sempre não apenas o traço daquilo que ele substitui, mas também o traço daquilo que ele não é, ou seja, precisamente da diferença. Isso significa que nenhum signo pode ser simplesmente reduzido a si mesmo, ou seja, à identidade. [...] A mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença). (SILVA, 2000, p. 79)

Por serem produtos sociais e culturais, a identidade e a diferença estão sujeitas a relações de poder e a hierarquizações. Há, sempre, disputas de poder, valorações e normalização no processo de diferenciação. Silva (2000) argumenta que normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas, sendo um dos modos mais sutis de manifestação do poder. As marcas do poder aparecem, principalmente, nos binarismos assimétricos: “nós e eles”, “bons e maus”, “puros e impuros”, “desenvolvidos e primitivos”. Assim, para problematizar esses binarismos, é preciso questionar a identidade e a diferença como relações de poder; por exemplo, questionar os mecanismos que ocultam os traços do outro presentes nas identidades ditas “puras”. Nesse sentido: “A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido. Como sabemos desde o início, a diferença é parte ativa da formação da identidade” (SILVA, 2000, p. 84).

Um dos mecanismos atuantes na constituição da identidade segundo Silva (2000) é a performatividade:

Em seu sentido estrito, só podem ser consideradas performativas aquelas proposições cuja enunciação é absolutamente necessária para a consecução do resultado que anunciam. Entretanto, muitas sentenças descritivas acabam funcionando como performativas. Assim, por exemplo, uma sentença como “João é pouco inteligente”, embora pareça ser simplesmente descritiva, pode funcionar – em um sentido mais amplo – como performativa, na medida em que sua repetida enunciação pode acabar produzindo o “fato” que supostamente apenas deveria descrevê-lo. É precisamente a partir desse sentido ampliado de “performatividade” que a teórica Judith Butler analisa a produção da identidade como uma questão de performatividade. (SILVA, 2000, p. 93)

A performatividade ocorre, então, por meio da repetição. Assim, a combinação entre a “citacionalidade” e o caráter performativo da linguagem colocam em funcionamento o processo de produção da identidade. Essa ideia de performatividade também pode ser explicada pela noção de “recorte e colagem”: na medida em que enunciamos estamos recortando partes de um discurso maior e as citando em nossa fala, repetindo o discurso, mantendo os estereótipos. Entretanto, a performatividade não deve ser entendida como um ato individual ou deliberado, mas como uma prática reiterativa pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia (SILVA, 2000, p. 95). Por isso, questionar e contestar a repetição parece ser a melhor forma de tornar possível a produção de novas e renovadas identidades. Mesmo a identidade de gênero, apresentada tradicionalmente como inerente à genética, pode ser explicada pela noção de performatividade, como defendido por Judith Butler. Em suas palavras “as normas regulatórias do ‘sexo’ trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual” (BUTLER, 1993/2000, p. 111⁷), sendo a materialidade repensada como o efeito do poder, o efeito mais produtivo do poder. Voltaremos à questão do gênero no momento de análise das cartas parisienses, pois, embora não seja o foco do nosso trabalho, tal tema é indissociável da produção das autoras estudadas.

Retomando a ideia de que a identidade está ligada ao auto-reconhecimento e ao reconhecimento pelo outro parece essencial voltarmos nossa atenção para o que está subjacente a esse “auto-reconhecimento”: a subjetividade. Por isso nos pautamos em textos que trabalham a questão da língua estrangeira e da identidade em um viés psicanalítico. Nesse viés, não apenas se entende que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, mas também, trabalha-se a

⁷ Paginação da versão digital da obra.

subjetividade como produto dessa linguagem, na medida em que o processo de subjetivação é resultante desse efeito de “castração” na e pela língua (cf. OLIVEIRA, 2012). Tal subjetividade é fabricada e modelada pelo social, não sendo passível de totalização ou de centralização no indivíduo (Guattari, 1986 apud Chnaiderman, 1998, p. 49), o que leva a definição de Eu como “conjunto de identificações que cada sujeito vai fazendo no decorrer de sua vida” (CHNAIDERMAN, 1998, p. 49). Nesse sentido a identificação é entendida como um processo de reconhecimento da alteridade, pois a constituição do Eu se dá sempre através de um outro e o advento do sujeito depende da articulação da/na linguagem:

Segundo Lacan, o sujeito advém pela linguagem mas, perde-se nela, por sempre estar aí apenas representado. Mas, ao mesmo tempo, a verdade do sujeito só advém na articulação da linguagem, em sua enunciação. O sujeito do desejo deve ser situado ao nível do sujeito da enunciação. (CHNAIDERMAN, 1998, p. 53)

Enunciação que ocorre a partir da ilusão de dominação completa da língua e dos sentidos – não importa quem somos ou de onde falamos, nunca nos desfazemos dessa ilusão. Também nunca nos desfazemos desse desejo de controle, pois, é o desejo que singulariza o sujeito. Nas palavras de Coracini (2007c):

O sujeito barrado (neurótico, isto é, que está de acordo com os padrões sociais de normalidade) é o sujeito desejante, o sujeito castrado, incompleto, a quem algo falta e que, por isso mesmo, busca preencher essa falta, esse furo – no outro, com o outro, para o outro, através do outro – sem jamais conseguir. Por essa razão, a psicanálise lacaniana afirma a impossibilidade de realização do desejo, desejo que nos singulariza porque é sempre diferente em cada um. É, aliás, o desejo, nunca satisfeito, que nos move, que nos impulsiona a buscar, ao longo da vida, uma realização pessoal, profissional, ainda que, de tempos em tempos, nos demos conta de sua transitoriedade, de sua fragilidade, de sua incompletude... (p. 135)

Considerando, então, o papel do desejo em nossas buscas pessoais, tencionamos pensar a relação entre a problemática do desejo e a aprendizagem de línguas estrangeiras. Para tanto, apoiamo-nos no trabalho de Jutta Prasse (1997), para quem o desejo de aprender uma língua estrangeira não é apenas um desejo de saber, mas sim um desejo pelo gozo do outro.

A busca pela língua do Outro se dá pela inquietação “de não poder encontrar seu próprio lugar na sua própria língua materna” (PRASSE, 1997, p. 71) e pela “inveja dos bens e da maneira como gozam os outros” (PRASSE, 1997, p. 71). A interdição que ocorre na/pela língua é necessária para situar esse desejo que poderíamos pensar como um anseio de ser o outro ou, até, de pertencer ao outro, ao outro meio, outro mundo, outra sociedade. Entretanto, nenhuma

língua é totalmente outra (nem constantemente a mesma), pois todas se imbricam, e constatar isso faz com que o desejo nunca se complete. Assim, a busca nunca cessa, o desejo se mantém na medida em que a língua una e possibilitadora do gozo maior se revela uma impossibilidade, uma ilusão. Nesse sentido, da mesma forma que todas as línguas que habitam o indivíduo perpassam sua subjetividade, com seus próprios interditos e atos falhos, saber mais de uma língua acentua a fragmentação da identidade do sujeito. Sobre o desejo de aprender uma língua estrangeira, Prasse escreve:

pode ser um desejo de ter escolha, de poder escolher a lei, as regras e muitas vezes o mestre de nosso gozo. É o desejo de ser livre para escolher uma ordem na qual “se exprimir”, de impor-se uma ordem por um ato voluntário, aprender, enfim, como se deve falar corretamente e gozar com isso. (PRASSE, 1997, p. 72)

Pensando o entrelaçamento entre língua e subjetividade, trazemos à discussão a análise de Kristeva, em seu texto “Estrangeiros para nós mesmos” (1988/1994), sobre as implicações que a dimensão do estrangeiro adquire na vida de um sujeito, em seus enfrentamentos cotidianos. A respeito da estrangeiridade constitutiva do eu, a autora afirma:

Estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia. [...] o estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades. (KRISTEVA, 1988/1994, p. 9)

Se o estrangeiro “é a face oculta de nossa identidade” é porque esta se apresenta, desde sempre, sob o signo da “indecifrabilidade”. A identidade é algo indecifrável, composta por inúmeros fragmentos, inclusive fragmentos de língua, de cultura e de história que aparecem de forma ainda mais indefinida quando o assunto é a identidade do outro vindo de outro lugar com uma outra língua. Os desdobramentos sobre essa questão podem tomar rumos diversos, dada a maior ou menor estrangeiridade do sujeito, sempre variando em função do lugar que ele ocupa na sociedade que o acolhe (ou não). Segundo Derrida (1997/2003), a questão colocada pelos estrangeiros toca no cerne da problemática sobre a hospitalidade, pois, de acordo com o autor:

Entre os graves problemas de que tratamos aqui, existe aquele do estrangeiro que, desajeitado ao falar a língua, sempre se arrisca a ficar sem defesa diante do direito do país que o acolhe ou que o expulsa; o estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade [...]. Ele deve pedir a hospitalidade numa língua que, por definição, não é a sua, aquela imposta pelo dono da casa, o hospedeiro, o rei, o senhor, o poder,

a nação, o Estado, o pai, etc. Estes lhe impõem a tradução em sua própria língua, e esta é a primeira violência. A questão da hospitalidade começa aqui: devemos pedir ao estrangeiro que nos compreenda, que fale nossa língua, em todos os sentidos do termo, em todas as extensões possíveis, antes e a fim de poder acolhê-lo entre nós? Se ele já falasse nossa língua, com tudo o que isso implica, se nós já compartilhássemos tudo o que se compartilha com uma língua, o estrangeiro continuaria sendo um estrangeiro, e dir-se-ia, a propósito dele, em asilo ou em hospitalidade? (DERRIDA, 1997/2003, p. 15)

Se seguirmos, então, o pensamento de Derrida, podemos reafirmar que a questão do estrangeiro é, antes de tudo, uma questão de língua, mais precisamente da estrangeiridade da língua. O estrangeiro é aquele que, por definição, não fala a língua que falamos, aquele que, justamente por vir de um outro lugar e falar uma outra língua, acaba por desestabilizar as convicções de nossa própria morada tornando estranho aquilo que nos parecia tão familiar. Desse sentimento de estrangeiridade para consigo e para com os outros emergem os conflitos que nomeamos como problemas de identidade, pois o estrangeiro coloca em xeque a naturalidade de nossos pertencimentos.

Retomando a visão psicanalítica da relação identidade e língua, cabe destacar o trabalho de Revuz (1998), no qual a autora demonstra que a língua é objeto de conhecimento intelectual e objeto de uma prática. Prática que envolve a dimensão do *eu*; ou seja, expressar-se em determinada língua exige que o sujeito mobilize formas de afirmação de seu eu e modos de se relacionar com os outros e com o mundo. A língua é constitutiva do sujeito, ela é “o material fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional” (REVUZ, 1998, p. 217), e toda língua que aprendemos entra em relação com essa matéria fundadora e a perturba. Portanto, nenhuma língua, para nenhum sujeito falante, é vivenciada somente como um mero instrumento de comunicação, mas sim como um objeto complexo em vários sentidos. Por isso as relações do sujeito com as línguas são profundas e estruturantes, de forma que o “*eu* da língua estrangeira não é, jamais, completamente o da língua materna” (REVUZ, 1998, p. 225). Considerando a complexa relação constitutiva entre língua e sujeito, distanciar-se suficientemente da língua materna para alcançar a “fala perfeita” em uma língua estrangeira é da ordem do impossível. Entretanto, Revuz afirma:

Esse impossível não tem a mesma fonte, nem a mesma significação para cada pessoa mas, parece-me, está sempre ligado à ruptura e ao exílio. Segundo a pessoa, essa ruptura pode ser temida e evitada, pode ser procurada por ser salvadora, ou pode ser tensão dolorosa entre dois universos. (REVUZ, 1998, p. 226)

Cada sujeito se relaciona de uma forma com a(s) língua(s) que o cerca(m), mas não é possível fugir da relação constitutiva e estruturante, ou seja, todo sujeito que aprende mais de uma língua, independentemente de faixa etária, vivencia o embate entre as línguas e as culturas que turva a ilusão de transparência das línguas.

Assim, ao considerarmos a subjetividade de cada um como algo único, diferenciado da ideologia geral de uma sociedade, podemos perceber diferentes relações de certezas e incertezas com as línguas, como demonstra Coracini (2007a). A autora desenvolve em seus textos uma reflexão acerca da relação dos sujeitos com as línguas e, dessa forma, das identidades e subjetividades de sujeitos bilíngues. Seu trabalho mostra que são várias as formas de se relacionar com a língua, seja materna ou estrangeira, o que torna fluido os limites entre tais classificações. Portanto, é preciso questionar as definições tradicionais do que é “materno” e do que é “estrangeiro”, do que é “sua” língua e língua do outro. Tal questionamento se faz necessário para deslocar a ideia ilusória de continuidade e completude da língua veiculada pela escola e pela sociedade, pois tal ilusão traz consequências para a percepção de mundo do sujeito fazendo-o acreditar numa concepção de identidade fixa e estável e desejar a inalcançável completude das línguas.

Considerando, então, a identidade como a forma pela qual o sujeito se relaciona com o mundo, com o outro e consigo, a língua é, inegavelmente, fundamental na construção identitária desse sujeito, porque ela não apenas expressa as experiências vividas, mas antes as constitui, pois é através dela que o sujeito constrói uma representação da própria vida, dando-lhe significado. Dessa forma, a construção identitária é subjetiva e fragmentária, assim como a língua, que é sempre um entrecruzamento de várias outras línguas, restando para a formação do sujeito apenas uma promessa de língua una e completa, como argumenta Coracini (2007c):

[...] Derrida fala da (dessa) língua como promessa que nunca se realiza: promessa de originalidade, de pureza que ao mesmo tempo aponta para a hibridez, que faz irromper a disseminação e a impossibilidade de estancamento, para o mito da totalidade, da perfeição (mito do nativo), da origem (mito da língua materna como lugar do repouso, do conforto, do estável), da posse de uma língua ou de várias que, afinal, se resumem na promessa (e no desejo) de uma única língua – total absoluta, inédita, que, se pudesse ser alcançada, revelaria a verdade na sua totalidade, o ser humano na sua inteireza, sem furo, sem porosidade. (CORACINI, 2007c, p. 143)

Se a língua é constitutiva da subjetividade de cada um, de forma que o contato com outras línguas muda a relação deste sujeito com o mundo, ou seja, interfere diretamente na sua

identidade, e o desejo é o que singulariza o sujeito, a relação de cada indivíduo com as línguas só pode, então, ser única.

A identidade não é, portanto, algo da ordem do igual a si mesmo, do uno – essa é a ilusão que temos –, mas o resultado temporário de um processo constante de diferenciamentos e identificações.

Por fim, a “crise de identidade” atribuída aos deslocamentos das estruturas sociais e aos deslocamentos geográficos e linguísticos leva-nos a um questionamento da própria noção de identidade, exigindo releituras da relação entre identidade e diferença, e ao entendimento de que se trata mais propriamente de uma crise de conceito, pois a identidade sempre foi heterogênea e fluida. As identidades, antes consideradas de forma coletiva, naturalizadas e cristalizadas, passaram, então, a ser entendidas como um construto na e da língua – esta também composta por outros inúmeros fragmentos – que compartilha das características e dos interesses da língua e do sujeito.

Pensando, então, a relação singular dos sujeitos com a(s) língua(s), abordaremos a questão do bilinguismo.

1.2 Bilinguismo

O bilinguismo, em nosso trabalho, é estudado a partir da relação entre as línguas que perpassam o sujeito e a partir da subjetividade daquele que vive entre línguas. De tal forma que bilinguismo não é a simples “proficiência” em duas línguas, mas também, e sobretudo, um fenômeno de imbricamento de línguas, que provoca, inevitavelmente, consequências para a constituição identitária do sujeito. Tal entendimento deriva de leituras que deslocam a noção tradicional de bilinguismo trazendo à baila a complexidade das relações dos sujeitos com as línguas, como discorreremos nessa parte do trabalho. Nossas reflexões são principalmente pautadas nas considerações de Coracini (2007a), Deângeli (2012a, 2012b), Clémens (1997) e Klein-Lataud (1996).

Tradicionalmente, entende-se por bilinguismo o domínio completo de duas línguas, como postulado por Bloomfield na obra “*Language*” (1933), na qual encontramos uma definição bastante restritiva do fenômeno, segundo a qual o bilíngue seria uma pessoa com proficiência semelhante à de um nativo nas duas línguas, capaz de escolher livremente qual língua usar em cada momento. A repercussão desse texto de Bloomfield é inegável mesmo em pesquisas e práticas atuais.

Ainda hoje, os cursos de línguas estrangeiras parecem almejar que seus alunos alcancem o domínio completo das línguas e tenham a capacidade de escolher voluntariamente a língua usada em cada situação. As principais concepções difundidas de bilinguismo passam pela noção de proficiência ou domínio das competências linguísticas (produção e compreensão oral e escrita). Apesar de a ideia de gradação do conhecimento linguístico ter ganhado espaço, muitos ainda parecem crer ser possível alcançar uma proficiência considerada perfeita. Nas pesquisas de campo, encontramos majoritariamente trabalhos focados na aquisição da segunda língua e que pretendem contribuir com um ensino considerado mais eficiente do ponto de vista da proficiência. Os trabalhos teóricos, embora tragam olhares variados sobre o tema, também parecem seguir a tendência de focalizarem apenas a caracterização do bilinguismo com base no modo de aquisição, deixando em segundo plano as consequências do fenômeno.

Por outro lado, é crescente o número de estudos que reconhecem a complexidade do fenômeno bilinguismo evitando restrições categóricas e é possível encontrar pesquisas relevantes que abarcam a questão da identidade e as implicações do viver entre línguas, trabalhos que analisam o bilinguismo com enfoque na subjetividade do sujeito bilíngue.

A partir dessas questões, Coracini (2007b) critica a concepção de língua presente em boa parte dos trabalhos da Linguística Aplicada e evita, em seus trabalhos sobre imbricamento de línguas, usar o termo bilinguismo. Segundo a autora, o termo bilinguismo, ou multilinguismo ou plurilinguismo, parece, ao se observar a literatura tradicional que usa tais termos, buscar uma totalidade do que se denomina língua e sujeito falante. Em seus trabalhos, Coracini (2007b) revela a importância de “capturar traços de identificação que permitem compreender como se constitui pela linguagem – sempre híbrida – a identidade móvel, dinâmica, do indivíduo” (p. 117). Entretanto, os sujeitos estudados são os “que falam mais de uma língua – e, por isso mesmo, são atravessados por traços culturais em conflito – se vêem e se sentem entre línguas” (p. 117). Considerando, então, que a totalidade e o domínio das línguas não passam de ilusões, é plausível usar o termo bilinguismo para se referir ao fenômeno vivido por esses sujeitos entre línguas sem cair na armadilha da totalização. Tal uso, evidentemente, é permeado pela problematização do que se denomina língua materna e língua estrangeira, já que a tradição dos estudos sobre bilinguismo se pauta numa forte separação e diferenciação entre as línguas aprendidas.

A usual separação que coloca de um lado a “língua materna inconscientemente adquirida e, do outro, a língua estrangeira, objeto de aprendizagem, processo consciente ou, ao menos, controlável” (CORACINI, 2007b, p. 119) é problematizada ao nos depararmos com sujeitos que se interrogam “sobre a legitimidade de sua língua materna diante do conforto –

aparentemente livre de *inter-dições* (no sentido do “dizer entre”) – da língua estrangeira” (p. 119). Tanto a língua materna quanto a língua estrangeira podem permitir situações de mal-entendido e conforto, diversas interpretações e expressão espontânea, não sendo, nem uma nem outra, transparente ou serena. Se a língua da mãe fosse a língua do gozo e de repouso, como considerava Melman (1992), nem todo sujeito possuiria uma língua materna e outros teriam mais de uma, e nenhuma língua poderia ser considerada seu extremo oposto, sem gozo e sem repouso, ou seja, não haveria língua estrangeira. Por isso, concordamos com Coracini (2007b), para quem “não se pode defender a exclusividade de um espaço para o maternal ou para o estrangeiro e assim – quem sabe? – encontrar a língua pura da origem” (p. 119), pois tal língua homogênea não existe e é “na imbricação do estranho maternal e do familiarmente estranho” (p. 119) que se situa a possibilidade de dizer.

Coracini (2007b) toma por base as reflexões de Robin e Derrida para exemplificar esse uso da língua estrangeira cujo intuito é dizer o que parecia interdito na língua dita materna:

Robin (1993) traz outros exemplos em que a língua do outro (estranha, estrangeira) dá a ilusão de uma certa transparência, de poder dizer tudo, mesmo e, sobretudo, o que está interdito no que se chama de língua materna, “como se (a língua estrangeira) fosse um universo neutro que dirá o absurdo e a desesperança” (p. 17). [...] “como se o impossível a dizer em sua língua pudesse ser dito na outra língua” (*idem, ibidem*) ou na língua do outro (mas seria realmente do outro?), dizer como escritura, inscrição do sujeito (híbrido) numa língua que é, como ele, sempre híbrida, que é sempre do outro e sempre sua (Derrida, 1996) ... (CORACINI, 2007b, p. 127).

Preocupada com a imagem que o sujeito tem das línguas que fala e com a maneira segundo a qual essas línguas constituem o sujeito, Coracini analisa os discursos de sujeitos bilíngues – entre línguas e culturas – e conclui que:

É preciso questionar a oposição língua materna / língua estrangeira, pois toda língua é, ao mesmo tempo, o lugar do repouso e o lugar do estranhamento, o lugar da interdição e o lugar do gozo... A subjetividade que a língua constrói não se completa nunca, pois ela sofre transformações importantes ao longo da vida do indivíduo; ela não é nunca completa, nunca acabada: ela se constitui à medida que se dão as experiências individuais que são sempre e necessariamente sociais. Não há língua-origem, língua pura, única, perfeita, fechada, a não ser na idealização – invenção – do imaginário, responsável pelo sentimento de identidade que nos protege do conflito constitutivo de toda subjetividade. Toda língua como todo sujeito são atravessados por outros, pelo Outro, toda língua é o outro... Segundo Derrida (1996), essa língua única, sempre idealizada, inventada, é a “monolíngua do outro”, que provém do outro, “a língua é do outro, vinda do outro, a vinda do outro” que o sujeito deseja (p. 127, grifos no original). Trata-se sempre de promessa – promessa de unidade, promessa de possibilidade (ilusória!) de sua apropriação, ainda

que parcial para se transformar em objeto – objeto de análise, objeto de ensino... (CORACINI, 2007b, p. 131)

Colocações com as quais concordamos e nas quais pautamos nosso trabalho de análise da escrita das autoras Huston e Sebbar, consideradas bilíngues por viverem no entre-culturas. Para ambas o estranho está presente no materno: tanto o estrangeiro/estranho quanto o materno coabitam suas escritas, de forma que nenhuma língua representa um lugar de repouso.

Seguindo outro viés, Melman (1992) parte da psicanálise para tecer considerações sobre as incidências subjetivas do bilinguismo e mostrar que saber e conhecer uma língua são coisas distintas. Segundo o autor, saber uma língua é ser falado por ela, essa língua faz parte do inconsciente do falante; enquanto que conhecer uma língua é ser capaz de traduzi-la mentalmente, a partir da língua que se sabe. Nesse sentido, e embora possa parecer paradoxal, para o autor, ser bilíngue é saber duas línguas. Entretanto, Melman não crê que exista bilinguismo, pois, para o autor, o lugar de manifestação do desejo seria exclusivo da língua materna, já que é nela que a “mãe” foi interdita. Segundo Deângeli, “esse interdito constitui, para Melman, o elemento fundamentalmente diferenciador dos conceitos de língua materna e de língua estrangeira” (2012a, p. 74). Se a língua materna se confunde com a língua da mãe, podemos questionar se há apenas uma mãe e se é sempre possível identificá-la. É nesse sentido de questionamento do que se entende por materno e por estrangeiro que Deângeli (2012a) escreve:

A língua sob o signo da disseminação é o que nos permite, a partir de Derrida, pensar o materno e o estrangeiro, o materno como estrangeiro, o estranho-familiar das línguas, no traçado de suas escrituras, de suas vozes e de suas histórias, sem encerrá-los no jogo da falta e da castração. (p. 78-79)

Coracini (2007d), ao analisar as relações dos sujeitos com suas línguas, também questiona a dita impossibilidade de saber a língua chamada estrangeira, demonstrando que “a língua chamada estrangeira tem uma função formadora, atuando diretamente na imagem de nós mesmos e dos outros, na constituição identitária do sujeito do inconsciente” (p. 152). Consequentemente, uma discussão importante atualmente nos estudos da linguagem, segundo a autora, é a que se coloca na seguinte pergunta: “como falar de língua estrangeira se essa língua também constitui o sujeito? E como falar de língua materna, própria, se também esta provoca, no sujeito, experiências de estranhamento?” (CORACINI, 2007c, p. 137). Dessa maneira, concordamos com Coracini (2007d) que é possível saber, “saborear” duas (ou mais) línguas.

Na perspectiva de Prasse (1997) e de Revuz (1998), a língua estrangeira pode ser o lugar da manifestação do desejo que não poderia ser experimentado na própria língua materna, sendo a língua materna aquela na qual toma forma nosso desejo, enquanto a língua estrangeira pode ser entendida como a materialidade do desejo do outro, de ser o outro e de desejar como o outro. Nessa lógica, a língua estrangeira pode funcionar como condição de escrita por causa do interdito lançado sobre a língua materna, ou seja, a escrita só se tornaria possível na medida em que fosse projetada nessa outra língua. Por outro lado, também é possível vivenciar o fenômeno do bilinguismo dentro do que seria chamado de “uma mesma língua”, já que o estranho familiar das línguas desloca a noção de língua materna possibilitando a materialidade do desejo do outro na própria língua da mãe.

Nesse sentido, podemos dizer que a questão da subjetividade do bilíngue está na sua condição de situar-se entre (pelo menos) duas culturas diferentes. Língua e cultura, língua e discurso, são conceitos intrinsecamente ligados à chamada identidade, logo a movimentação entre línguas, discursos e culturas provoca o deslizamento da identidade do sujeito.

Considerando questões de ordem mais linguística, sem, entretanto, ignorar os conflitos que atravessam a subjetividade daquele que vive entre línguas, destacamos os trabalhos de Éric Clémens (1997). Para o autor, somos presos, nascemos e nos formamos entre basicamente dois tipos de línguas: as “línguas ordenadas” (“*langues ordonnées*”) e as “línguas subterrâneas” (“*langues souterraines*”). As línguas ordenadas seriam aquelas que nos socializam, nos educam, e nos codificam, ou seja, as línguas aprendidas segundo a gramática e o dicionário, segundo os costumes, a moral ou a religião e os poderes. Contrariamente a esse postulado, e num eixo diametralmente oposto, estariam as “línguas subterrâneas”, aquelas que turvam e desestabilizam a ordem que nos vincula à sociedade pela servidão da comunicação. Nesse contexto, e apostando na desestabilização provocada pelo que denomina, então, de “línguas subterrâneas”, Clémens (1997) afirma que a função do escritor está na demonstração de sua experiência do “disfuncionamento” (*dysfonctionnement*) da língua, ou seja, caberia ao escritor, sujeito entre línguas por excelência, colocar em relevo a dissimetria inerente aos usos das línguas. Para Clémens toda língua é estrangeira a ela mesma, quaisquer que sejam as situações em que é utilizada, tal como o expõe na seguinte passagem:

Se a escrita se forja e a ficção se forma nessa travessia e nesse confronto, sem o qual nenhuma experiência vivida, nenhuma memória, nenhuma reflexão e nenhuma invenção tem lugar, não há nenhum paradoxo na dupla afirmação de que nós somos escritores de língua francesa, não importa de onde viemos, e que a língua francesa, como toda língua, é estrangeira a ela mesma para quem a procura falar. Se o escritor tem uma função, onde ela pode aparecer senão

na *revelação* de sua experiência do disfuncionamento da língua? Toda linguagem verdadeira é incompreensível em termos de função, de comunicação e de compreensão. (CLÉMENS, 1997, p. 121-122, grifos originais)⁸

Essa fala de Clémens ocorreu durante um encontro de escritores francófonos em Paris, e o autor questiona em sua apresentação justamente a noção de escritor francófono, título dado aos não franceses que escrevem em francês por diversas razões. Assim, entendemos que para Clémens o francês é língua estrangeira não pelo fato de ele não ser francês, mas sim porque o francês é sua língua de escrita; muito além de uma simples ferramenta de comunicação é língua imbricada por várias outras línguas. E o escritor é o sujeito na travessia dessa imbricação.

Ainda no texto “*Les langues dans la langue*” (1997), Clémens comenta outro trabalho seu, no qual traz uma definição interessante de língua materna e língua estrangeira, que juntas ele chama de “línguas subterrâneas” (*langues souterraines*):

A *língua materna*, em primeiro lugar, quer dizer a língua na qual toma forma o desejo primário no significante e, através da sua ordem, os murmúrios, os soluços, os suspiros e as palpitações; os gritos, os risos e os choros, os burburinhos e as cantigas de ninar, mas também as línguas que, no cerne da vida social, vêm substituir-se a esta língua de um gozo sem fundo e interromper, desordenar os discursos dominantes: *as línguas baixas*, obscenas (sexuais, escatológicas), injuriosas, risonhas, mimadas, gírias e jargões, palavrões e insultos, trocadilhos e jogos de palavras..., que são tantas contra-violência [...] frente às línguas do poder; *línguas estrangeiras*, em seguida, [isso compreende os patoás e os dialetos], que introduzem na consciência a arbitrariedade da linguagem, a falta de domínio dos sentidos, de sua disseminação, a alteridade na língua; *as línguas do intertexto*, enfim, os cruzamentos, as invasões, até mesmo o acasalamento das raízes das palavras, de outros textos [...] e de todos os discursos que já testemunham a travessia e o confronto das línguas. (CLÉMENS, 1993, p. 152 apud CLÉMENS, 1997, p. 121, grifos originais)⁹

⁸Si l'écriture se forge et la fiction se forme dans cette traversée et cet affrontement, sans lesquels aucune expérience vécue, aucune mémoire, aucune réflexion et aucune invention n'ont lieu, nul paradoxe ne réside dans la double affirmation que nous sommes des écrivains de langue française, d'où que nous venions, et que la langue française, comme toute langue, est étrangère à elle-même pour qui cherche à parler. Si l'écrivain a une fonction, où peut-elle apparaître sinon dans la monstration de son expérience du dysfonctionnement de la langue ? Tout vrai langage est incompréhensible en termes de fonction, de communication et de compréhension.

⁹La langue maternelle, en premier lieu, c'est-à-dire la langue où prend forme le désir primaire dans le signifiant et en travers de son ordre, les souffles, les hoquets, les halètements et les battements, les cris, les rires et les pleurs, les babils et les berceuses, mais aussi les langues qui, au sein de la vie sociale, viennent relayer cette langue d'une jouissance sans fond et interrompre, désordonner les discours dominants : les langues basses, obscènes (sexuelles, scatologiques), injurieuses, rieuses, cajoleuses, des argots et des jargons, des jurons et des insultes, des calembours et des jeux de mots..., qui sont autant de contre-violences [...] face aux langues des pouvoirs; langues étrangères, ensuite, [y compris des patois et des dialectes], qui introduisent à la conscience de l'arbitraire du langage, de la non-maîtrise du sens, de sa dissémination, de l'altérité dans la langue; les langues de l'intertexte, enfin, des croisements, des empiètements, voire des accouplements des racines des mots, des autres textes [...] et de tous les discours qui témoignent déjà de la traversée et de l'affrontement des langues.

Assim, a língua materna e a língua estrangeira são as línguas que “turvam e esburacam a ordem que nos liga à sociedade pela comunicação” (CLÉMENS, 1997, p. 121). Flagrando uma situação bilíngue (ou plurilíngue) no interior da própria língua (ou de cada língua), é para a questão do enfrentamento que Clémens chama a atenção. Independentemente de onde quer que nos situemos – dentro ou fora do território, como anfitriões ou como hóspedes – é a estrangeiridade da língua que prevalece sempre para o sujeito, múltiplo e fragmentado em sua constituição. Assim, pensando no fenômeno do bilinguismo como algo que cada sujeito vive de maneira diferente e fugindo da tradição fonocêntrica¹⁰, que põe em foco a fala, nos indagamos sobre a escrita bilíngue, ou ainda, sobre a escrita “literária” na língua chamada de estrangeira.

O texto de Klein-Lataud (1996), “*Les voix parallèles* de Nancy Huston”, se debruça sobre a problemática dos escritores bilíngues (ou plurilíngues), trazendo reflexões acerca da multiplicidade subjetiva. De acordo com a autora, o “EU é um outro (...) e a diferença de língua favorece essa multiplicação” (KLEIN-LATAUD, 1996, p. 219), ou seja, o deslocamento do sujeito se acentua quando ele experimenta uma situação bilíngue. Para se referir a essa mudança provocada pelo uso de uma língua (estrangeira), Klein-Lataud destaca o uso da expressão “renascer” empregada por Julien Green em “*Langage et son double*”:

O desejo de se exprimir deve insuflar [ao escritor que muda de língua] o impulso de transpor todos os obstáculos, de renascer, de certa forma, em uma outra língua, de se fazer adotar, de dar ao desconhecido, no fundo de si mesmo, as chances da aventura humana. (GREEN, 1987, p. 159, apud KLEIN-LATAUD, 1996, p. 219)¹¹

Escrever numa outra língua pode aparecer, então, como a “chance” de uma aventura quase indizível, não fossem os recursos da própria língua para apreender essa indizibilidade. Segundo a autora, adotar uma outra língua parece permitir a emergência do “Eu da escrita” para alguns escritores, pois essa língua seria a chave para um outro mundo a partir do qual é possível ter um outro olhar para o seu próprio mundo.

Ao abordar a problemática da escrita em língua estrangeira parece relevante pensar a questão da tradução. Rodrigues (2000) desconstrói a noção de equivalência da tradução com base nas críticas que Derrida faz ao estruturalismo saussuriano, mostrando que apesar de

¹⁰ Explicamos, por meio da desconstrução feita por Derrida, a noção de fonocentrismo na introdução da Parte I, p. 19-20.

¹¹ *Le désir de s'exprimer doit insufler [à l'écrivain qui change de langue] l'élan de franchir tous les obstacles, de renaître en quelque sorte dans une autre langue, de se faire adopter, de donner à l'inconnu au fond de lui-même les chances de l'aventure humaine.*

Saussure romper com a tradição linguística, existente desde os gregos, ele mantém a premissa de uma “razão universal” e a ideia de equivalência como algo igual ou muito semelhante. Para Derrida, a grande ruptura efetuada por Saussure está na inseparabilidade entre significado e significante e no entendimento de que o significante não é puramente material, ou seja, tanto o significado quanto o significante são sempre sensíveis e inteligíveis ao mesmo tempo. Por outro lado, o autor deixa claro que os termos, apesar de não serem totalmente opostos, também não podem ser confundidos, pois sem essa diferenciação a tradução não seria possível, já que traduzir é a prática da diferença entre significado e significante. Na medida em que os signos só ganham sentido dentro de um sistema diferencial, o tradutor, ao inserir os signos em um determinado sistema, está interpretando, produzindo significados. Nas palavras de Rodrigues (2000):

Quando se traduz, pratica-se a diferença entre significante e significado no mais amplo sentido, pois a tradução é uma operação que interpreta significados nas tramas de um tecido diferencial e os reapresenta como significantes, que fazem parte de um sistema de normas diferente do primeiro sistema e que, por sua vez, interpretar-se-ão na rede de diferenças do significado. (RODRIGUES, 2000, p. 192)

Neste cenário, no qual se nega a existência de um “significado transcendental”, a tradução é impossível no sentido tradicional, no sentido de “equivalência”, mas totalmente possível, e pode-se dizer necessária, na medida em que significa ler e produzir textos, não sendo, portanto, inferior ao original, mas na verdade um substituto para quem a lê. Do mesmo modo que traduzir não é transportar um significado de uma língua para outra, saber mais de uma língua não é simplesmente transferir o que se quer dizer entre as línguas, mas sim se relacionar em cada língua de acordo com o sistema de significação, que é formado linguisticamente e culturalmente, de modo que a língua estrangeira não é inferior à língua materna.

Traduzir seria, então, um ato de rebeldia no sentido de que escrever é enfrentar a estrangeiridade presente em cada língua. Estrangeiridade que faz com a língua da mãe, aprendida pelos laços familiares, não seja exclusivamente o lugar de repouso suposto pela tradicional definição de língua materna. Da mesma forma, a língua estrangeira, aprendida por outros meios e motivos, não representa o oposto da língua da mãe, podendo ser língua da criatividade e do conforto. Ao repensar as noções de materno e estrangeiro é importante evitar as totalizações, implicando à noção de bilinguismo a ideia de fenômeno de entre línguas e culturas e não de acréscimo de línguas unas – já que estas não passam de ilusões. Bilíngue,

então, é o sujeito que, ao usar mais de uma língua (considerando as línguas que existem dentro de cada língua), é atravessado por traços culturais plurais.

Dessa forma, o estudo de trabalhos desenvolvidos na última década, permite-nos afirmar que o campo de estudos sobre identidade e bilinguismo é fértil, já que ao questionarmos as definições de língua, de identidade, de “língua materna” e de “língua estrangeira” e ao nos depararmos com diferentes relações entre falante(s) e língua(s), é inevitável a problematização da visão estanque e dicotômica do bilinguismo. O que torna relevante o estudo da forma com a qual o sujeito se relaciona com suas línguas e nos convida a pensar a relação entre essas línguas e a constituição identitária do sujeito.

Parte II – Identificações e Bilinguismo em *Lettres parisiennes*

Nosso trabalho analisa as relações entre língua e identidade a partir da obra *Lettres parisiennes: histoires d'exil*, de Nancy Huston e Leïla Sebbar. O livro é composto por 30 cartas, organizadas em ordem cronológica, que foram escritas entre 1983 e 1985. A primeira carta foi escrita por Sebbar e a última por Huston, porém há momentos em que lemos cartas seguidas da mesma autora, por não ter conseguido esperar a resposta da outra na sua ânsia por escrever. Em todas as cartas entramos em contato com a questão do exílio e com o modo segundo o qual ele é sentido pelas autoras.

O livro foi publicado em 1986, inicialmente com outro subtítulo: *autopsie de l'exil* (autópsia do exílio). Essa mudança de subtítulo já demonstra como a relação das autoras com suas vivências na França mudou. Fazer uma “autópsia” do exílio seria uma tentativa de enterrá-lo, pois estaria morto, porém a reflexão sobre o tema as fez perceber que isso é impossível, que elas são constituídas por esse exílio que funciona também como condição para suas produções escritas. Viver em outro país, em outra língua, faz parte da identidade dessas mulheres e é algo que não pode ser extirpado. A primeira parte do título, *Lettres parisiennes*, se manteve e anuncia a geografia da produção dessas cartas. As duas autoras moram em Paris e preferem escrever uma para outra a marcar encontros casuais, pois, embora livres, os temas das cartas não são casuais nem superficiais. Pensar na proximidade geográfica das autoras confere maior significado para o ato de escrever tais cartas, cuja escrita é necessária e premeditada.

As “cartas parisienses” surgiram do desejo das autoras de investigar e dialogar sobre a vida em exílio, por isso as duas se escrevem para falar da infância, de amor, de livros, do cotidiano, mas também de língua e de terra. Foi o deslocamento (geográfico e linguístico) vivido que possibilitou a identificação necessária para a escrita das cartas – gênero textual que faz apelo ao subjetivo, ao íntimo, mas cuja escrita aconteceu na língua da terra de exílio, demonstrando que a língua estrangeira também pode falar e fazer parte da subjetividade. Sebbar celebra a liberdade da escrita epistolar:

Aquilo de que gosto em uma carta é a absoluta liberdade de escrever, de responder ou não, de retomar ou não tal ou tal ponto da carta recebida, de se voltar sobre o que há de mais precioso, mesmo se não for o assunto... (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 19)¹².

¹²*Ce que j'aime dans une lettre, c'est l'absolue liberté d'écrire, de répondre ou non, de reprendre ou pas, tel ou tel point de la lettre reçue, de revenir sur ce qui tient à cœur, même si ce n'est pas le sujet...*

E ao final da nona carta, enviada sem esperar a resposta da anterior, Sebbar escreve:

Aquilo de que gosto nessa troca de cartas: pela primeira vez, me parece que, depois de sete anos de fiel companheirismo no trabalho ao lado das mulheres, encontro uma maneira de falar com você, por cartas, sem restrição, apesar da restrição primeira que nós nos impusemos de nos escrever essas cartas parisienses interrompidas pela geografia [...]. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 53)¹³

O que motivou a escrita das cartas foi a necessidade – gerada pela ânsia humana por racionalizar o mundo a sua volta – de definir o indefinido (talvez indefinível), de compreender minimamente suas vivências. Nas palavras de Huston:

A razão da minha presença aqui, de meu exílio voluntário, se situa num outro plano... que eu vou tentar definir, pouco a pouco, com você (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 12)¹⁴.

Ao longo do livro, o exílio aparece marcado por muitas negativas e muitas indagações e hipóteses, mas poucas afirmações. Nessa tentativa incessante de se situar em relação à vivência entre (culturas e línguas), tudo parece um sinal, um rastro, um resto de fragmento de um todo que poderia vir a ser chamado de identidade, de *eu*.

É importante lembrar que o livro passou por um trabalho editorial antes de ser publicado, o que explica, por exemplo, como foram feitos os itálicos sem diminuir o caráter real da troca de correspondências. Sebbar comentou sobre o projeto em uma entrevista:

Nós nos engajamos numa correspondência real, nós duas morávamos em Paris e nós realmente nos escrevemos as cartas, enviadas pelo correio de 1983 a 1985, eu acho, regularmente. Nós tínhamos a intenção de publicá-las, caso nos parecesse interessante. Às vezes nos escrevíamos cartas nas quais dizíamos que aquilo era inútil (elas não foram publicadas), nós não estávamos totalmente de acordo quanto à definição de exílio, de nossos exílios. (KIAN; SEBBAR, 2004, apud PERSSON, 2012, p. 52)¹⁵

¹³*C'est ce que j'aime dans cet échange de lettres : pour la première fois, me semble-t-il, depuis ces sept années de fidèle compagnonnage dans le travail du côté des femmes, je trouve une manière de parler avec toi, par lettres, sans contrainte, malgré la contrainte première que nous nous sommes imposée de nous écrire ces lettres parisiennes interrompues dans la géographie [...].*

¹⁴*La raison de ma présence ici, de mon exil volontaire, se situe sur un autre plan... que je vais tenter de définir, peu à peu, avec toi.*

¹⁵*Nous nous sommes engagées dans une correspondance réelle, nous habitons toutes les deux Paris et nous nous sommes vraiment écrit des lettres, envoyées par la poste de 1983 à 1985, je crois, régulièrement. Nous avions le projet de les publier, si cela nous paraissait intéressant. Parfois nous écrivions des lettres où nous disions que cela était inutile (elles n'ont pas été publiées), nous n'étions pas tout à fait d'accord sur la définition de l'exil, de nos exils.*

Tal declaração ajuda o leitor a entender melhor o espaçamento temporal entre algumas cartas. Entre outras, a demora é explicada por questões pessoais de viagens ou de trabalho. Duas cartas escritas por Sebbar e seis por Huston são datadas de outras cidades que não Paris porque elas estavam viajando, geralmente com a família. A necessidade de (se) escrever faz com que escrevam mesmo enquanto deveriam estar de férias com familiares. Huston era, na época, casada com Tzvetan Todorov, nas cartas identificado como M., e tinha uma filha chamada Lea, então com 6 anos, que é citada em várias cartas. Sebbar compartilha menos informações sobre sua família, mas nos deixa saber que era casada com D. e tinha dois filhos. Segundo as cartas, M. é búlgaro e D., assim como Sebbar, tem o francês como língua da mãe, mas não tem nacionalidade francesa.

A análise das cartas está dividida em cinco tópicos que permitem entrever a complexa relação entre os fragmentos que compõem a identidade. Lembrando que a identidade não é homogênea e nunca se completa, devendo ser entendida como um processo contínuo e complexo que se forma na relação social e histórica e também individual e subjetiva do eu consigo mesmo e do eu com o outro. O primeiro tópico de análise fala sobre as heranças dos costumes familiares e dos ambientes sociais, principalmente aqueles em que se passa boa parte da infância, como a escola, mas também evoca questões sobre o nacionalismo. Em seguida abordamos a questão do exílio, apresentando e analisando as marcas e os conflitos identitários decorrentes do viver entre culturas. No terceiro tópico tratamos de questões feministas refletindo acerca de como o traço de identidade relacionado ao gênero é submisso a regras sociais e acerca das implicações de ser mulher no que concerne ao ato de escrever. Na sequência, surgem as línguas, a relação de Huston com as línguas que sabe e tenta controlar e a relação de Sebbar com o francês, que é língua da mãe e língua do outro ao mesmo tempo, e com o árabe. Por fim, refletimos a respeito do ato de escrever: a importância dessa atividade para o processo de identificação das autoras e como se configura essa escrita constituída entre línguas e culturas.

2.1 Identificações com a terra: sobre heranças e moradas

A leitura das cartas permite entrever o contínuo processo de identificação tanto na forma como as autoras tentam se descrever, ou seja, na imagem que parecem formar uma da outra, quanto nas mudanças que vão ocorrendo e sendo relatadas com o passar do tempo das escritas das cartas. Ao falar de si na carta XIX, Leila Sebbar afirma que não é simples se apresentar, pois, como ela mesma pontua:

Eu não sou uma escritora magrebin de expressão francesa.... Não sou uma Francesa nata.... Minha língua materna não é o árabe... (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 133)¹⁶

Todas essas negativas fazem parte, por meio do processo de diferenciação¹⁷, de sua identidade e demonstram em que medida a problemática da identidade está ligada ao auto-reconhecimento (já que é ela quem se descreve na negativa, ou seja, diferenciando-se) e ao reconhecimento pelo outro (já que as negativas supõem uma expectativa do outro sobre si e pretendem criar uma determinada imagem nesse outro). Dessa forma, a identidade é algo pessoal e político ao mesmo tempo.

Por isso Huston escreve “eu *não* sou uma Americana” (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 12)¹⁸, diferenciando-se dos estadunidenses, embora, em outros momentos, chame-se de americana por ser nativa da América do Norte. A rixa entre o Canadá e os Estados Unidos é grande e antiga justamente por serem países próximos e parecidos que não querem ser assimilados, que querem manter sua individualidade, marcando com grande ênfase as diferenças que possuem.

Por outro lado, as diferenças entre o país natal de cada autora são realmente grandes, fazendo com que cada uma ocupe certas posições de poder discursivo. As posições ocupadas por Huston e Sebbar são dissimétricas, pois a primeira é interpelada pela história e cultura do Canadá, país ocidental rico, enquanto a segunda é interpelada pela cultura árabe e pela história de conflitos da Argélia, principalmente, com a França. No mesmo sentido, as imagens que uma faz da outra, e de si mesmas, são constituídas por essa dissimetria: Sebbar vê Huston como uma “anglo-saxã” [...], mulher do Norte, branca de olhos claros, delicada e requintada” (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 10)¹⁹ que não teria problemas em adaptar-se aos códigos sociais do novo país; por outro lado descreve-se como uma “subdesenvolvida deslocada no mundo moderno ocidental” (p. 18)²⁰. Huston entende Sebbar como uma mulher do “velho mundo” (*Vieux Monde*, p. 11) e acha curioso o fato de que, mesmo tendo tido o francês como língua da mãe e língua da escola, Sebbar escreva em francês “como língua estrangeira” (*comme une langue étrangère*, p. 15). Tal estranhamento por parte de Huston demonstra que, apesar de sua prática

¹⁶ *Je ne suis pas un écrivain maghrébin d'expression française... Je ne suis pas une Française de souche... Ma langue maternelle n'est pas l'arabe...*

¹⁷ O processo de diferenciação é explicado por Silva (2000) e apresentado nesse trabalho nas páginas 29 a 31.

¹⁸ *Je ne suis pas une Américaine.*

¹⁹ “*l'Anglo-Saxonne*” [...], femme du Nord, blanche aux yeux clairs, délicate et raffinée.

²⁰ *sous-développée déplacée dans le monde moderne occidental.*

escrita problematizar o que se entende tradicionalmente por língua materna e língua escrita, ela não pode fugir completamente dessa tradição que separa dicotomicamente as línguas.

Huston sente que o fato de ser norte-americana faz com que ela seja menos apegada a uma “fixação de identidade”, pois no novo continente tudo é novo; muda-se facilmente de religião, emprego, visão política, já que não existem raízes profundas. Há pouco a ser herdado, o que facilita mudanças e criações no processo de identificação.

Na segunda carta, Huston confessa à amiga que no início de sua estadia na França fora seduzida pelos discursos e pelas teorias que estavam na moda, por isso “engoliu” os textos de Barthes e Lacan com o “leite da madrastra língua francesa” (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 14). Entretanto, não se sentia capaz de ser discípula fervorosa desses mestres, pois os conceitos aprendidos na França a abandonavam quando viajava de volta para o outro lado do oceano, mostrando que para ela a França estava associada ao conhecimento acadêmico ao mesmo tempo que uma filiação completa não seria possível, afinal sua infância canadense a constitui juntamente com sua maturidade francesa. Viver na França não acarretou para si apenas mudanças acadêmicas, mas teve repercussões ainda mais profundas na sua relação com o mundo, visto que o fato de viver no estrangeiro perturba os hábitos e as certezas.

Voltando à questão de ser ou não ser americana, Huston demonstra não querer ser identificada como uma “americana em Paris” (*une Américaine à Paris*) por não se identificar com as conotações do termo, apesar de admitir ser americana (por ter nascido e crescido na América do Norte) e estar em Paris. Em suas palavras:

[...] eu não queria ser notada como uma “Americana em Paris”; as conotações desse epíteto me são muito estrangeiras: boêmia rica, férias chiques [...] familiaridade esnobe com os vinhos de diferentes regiões [...] Porque eu *não* sou francófila. Desde que cheguei na França, eu quase fiz questão de *não* aprender a distinguir um borgonha de um bordeaux, de *não* conhecer o nome de todos os queijos, de *não* visitar todos os castelos da Loire. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 12)²¹

Huston justifica a afirmação de não ser francófila – alguém que ama a França, os franceses – pelo fato de não se interessar em aprender a diferenciar vinhos e conhecer os queijos nem em visitar todos os castelos, hábitos geralmente atribuídos aos amantes da cultura francesa. Mas, então, em seu caso específico, se não por grande interesse pela cultura e pelo povo, porque

²¹[...] je ne voudrais pas être repérée comme une ‘Américaine à Paris’ ; les connotations de cette épithète me sont trop étrangères : bohème chère, vacances chics [...] familiarité snob avec les vins de différentes régions [...] ... Parce que je ne suis pas francophile. Depuis que je vis en France, je me suis presque fait un point d’honneur de ne pas apprendre à distinguer un bourgogne d’un bordeaux, de ne pas visiter tous les châteaux de la Loire.

se exilar e fixar vida no outro lado do oceano? Os relatos de infância demonstram que já havia certo fascínio pelo país diferente e longínquo que habitava seus sonhos e causava inveja:

Quanto eu havia sonhado, adolescente, com a torre Eiffel! Quando, no colégio, minha professora de francês mostrava para a classe as fotos de Paris, eu lhe perguntava se ela tinha visto tudo aquilo com seus próprios olhos. [...] E se ela respondesse que sim, eu chorava de inveja... (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 35)²²

Seus pais, principalmente sua mãe e sua madrasta, representam papéis importantes no fato de sua vida estar ligada a deslocamentos geográficos, como relata Huston:

Mas quando eu tinha seis anos, meus pais se divorciaram. Minha mãe foi embora (ela viveu muito tempo no estrangeiro: primeiro nos E.U.A., em seguida na Espanha, na Inglaterra) e meu pai se casou com uma alemã. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 57)²³

Desde a professora de francês, passando pelas mudanças familiares, o estrangeiro parece sempre ter feito parte de sua vida. Por isso o gosto por viajar e o “desgosto” por tudo que alude ao nacionalismo, ao patriotismo, pois remetem ao ódio, à xenofobia. Por isso critica personagens históricos como Joana D’arc e as piadas sobre os canadenses comuns nos Estados Unidos:

Essas manifestações triviais da cultura popular – cantigas, fofocas, rumores, histórias engraçadas – contribuem, talvez tanto ou mais que as políticas governamentais, para forjar e fixar o chauvinismo, a xenofobia, o racismo... todos sentimentos que (sem pretender não os experimentar) eu abomino. O que me leva a Joana D’arc, por quem – você tem toda razão – eu também não tenho nenhuma simpatia transbordante. Simplesmente o fato de que ela é o emblema de todas essas coisas: o patriotismo, o nacionalismo, logo, inevitavelmente, o ódio... (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 74)²⁴

O fato de sua mãe ter ido embora de forma repentina quando Huston tinha apenas seis anos teve vários desdobramentos em seu processo de constituição identitária, principalmente

²²*Qu’est-ce que j’en avais rêvé, adolescente, de la tour Eiffel ! Quand, au lycée, ma prof de français montrait à la classe des photos de Paris, je lui demandais si elle avait vu tout cela de ses propres yeux. [...] Et quand elle répondait que oui, j’aurais pleuré de jalousie...*

²³*Mais quand j’ai eu six ans, mes parents ont divorcé. Ma mère est partie (elle a longtemps vécu à l’étranger : d’abord les U.S.A., ensuite l’Espagne, l’Angleterre) et mon père a épousé une Allemande.*

²⁴*Ces manifestations triviales de la culture populaire – comptines, racontars, rumeurs, histoires drôles - contribuent peut-être autant et plus que les politiques gouvernementales à forger et à figer le chauvinisme, la xénophobie, le racisme... tous sentiments que (sans prétendre ne pas les éprouver) j’abhorre. Ce qui m’amène à Jeanne d’Arc, pour qui – tu as tout à fait raison – je n’ai pas non plus une sympathie débordante. Justement parce qu’elle est l’emblème de toutes ces choses : le patriotisme, le nationalisme, donc forcément la haine...*

enquanto mulher e mãe. Por isso, receber visitas de seus pais suscitou sentimentos que ela chamou de crise de identidade, como relata na carta XXVIII:

Eu me sinto muito velha para ter uma crise de identidade. É, entretanto, disso que se trata. Crise – desencadeada pelo quê? Talvez pelas visitas sucessivas de meu pai e de minha mãe, um após o outro, este outono? (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 191-192)²⁵

Após as visitas, Huston notou que tinha mais semelhanças com a mãe, tanto de gostos quanto físicas, do que pensava, do que desejava ter, já que se esforçara para distanciar-se daquela mulher, mudando até de país e de língua:

Embora eu me *sinta* desde sempre mais próxima de meu pai, eu acabo de perceber que *sou* mais próxima de minha mãe. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 193)²⁶

O uso do itálico pode ser interpretado como uma forma de destacar e desmanchar a aparente contradição entre as palavras “sentir” e “ser”: sentir ser algo é diferente de ser algo? O complexo processo de identificação constitui-se nos dois vieses, somos, ao mesmo tempo, o que pensamos ser e o que desejamos ser, além daquilo que pensamos de nós.

Dada essa complexidade, já não é possível pressupor identificações culturais simples e imediatamente relacionadas de forma positiva com a herança familiar. Por exemplo, é possível perceber que a criação dita francesa não garantiu identificações com os hábitos culturais da sociedade francesa para Sebbar:

Eu não consegui, depois de tantos anos, adquirir a flexibilidade, a inteligência que me permitiriam a prática eficaz de um certo número de códigos sociais, culturais, mundanos que eu conheço e que me arremessam sempre a um mutismo obstinado e estúpido. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 9)²⁷

A perda da voz é provocada pelo outro e diante do outro que deveria ser anfitrião, mas acaba por se revelar hostil. Logo na primeira carta, Sebbar diz que reparara na capacidade de Huston, e de outras mulheres que conheceram quando trabalharam no projeto *Histoire d'elle*, de assimilar e utilizar os códigos sociais mais complexos. Sebbar parece crer que essa diferença

²⁵ *Je me sens trop vieille pour avoir une crise d'identité. C'est pourtant de cela qu'il s'agit. Crise – déclenché par quoi ? Peut-être pas les visites successives de mon père et de ma mère, coup sur coup, cet automne ?*

²⁶ *Alors que je me sens depuis toujours plus proche de mon père, je viens de m'apercevoir que je suis plus proche de ma mère.*

²⁷ *Je n'ai pas, après tant d'années, réussi à acquérir la souplesse, l'intelligence qui me permettraient la pratique efficace d'un certain nombre de codes sociaux, culturels, mondains que je connais et qui me précipitent chaque fois dans un mutisme obstiné et stupide.*

de relação com a cultura do país adotivo se dá por causa da diferença das culturas de origem, associando isso com o fato de Huston vir de uma cultura dominante e de ela ser uma mulher do “terceiro mundo”, contaminada pelos efeitos da colonização – esquecendo-se momentaneamente de sua filiação materna à cultura francesa.

Por outro lado, Sebbar também não se sente acolhida no país natal na língua do pai, pois lá ela não sente que exista possibilidade de escrita:

Eu creio ter sido [*desnaturalizada*] suficientemente nas passagens de uma cultura a outra, de um país a outro, de uma língua da escola e da minha mãe a outra língua que eu não aprendi, que não quis aprender nem praticar, nem ler nem escrever, que eu quero sempre *apenas* ouvir. Pois o que eu sei, depois de tantos anos de múltiplas práticas da língua materna, o francês, é que se eu tivesse aprendido árabe, a língua de meu pai, a língua do autóctone, a falá-la, lê-la, a escrevê-la..., eu não teria escrito. Disso eu tenho certeza hoje. Se eu tivesse ficado no país de meu pai, meu país natal com o qual eu tenho uma história tão ambígua, eu não teria escrito, porque fazer essa escolha significava fazer uma aliança com uma terra, uma língua, e se fazemos uma aliança ficamos tão perto que não temos mais visão nem audição, e não escrevemos, não estamos em posição de escrever. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 19)²⁸

Essa diferença de posição é gerada pelo fato de as diferentes línguas constituírem distintos sistemas de significação, criando diversas identidades e variados modos de ver e viver o mundo. A vida que ela tem em francês não seria possível em árabe, e a vida que ela teria em árabe não seria possível em francês. Não que tais identidades sejam completamente separadas, mas nunca seriam exatamente as mesmas. Isso porque identidade, no sentido que trabalhamos aqui, não quer dizer algo igual a si mesmo, mas é produto do processo de diferenciação, estando sempre marcada pela alteridade. Sebbar sempre se viu diferente. Na escola não formava grupo nem com as crianças francesas nem com as argelinas, pois era “mestiça” (como ela refere a si mesma, “*mon histoire de croisée, de métisse*”, p. 134). Entretanto, ao percebermos que ela fala mais do pai do que da mãe, nos interrogamos se viver na França não fez com que ela se aproximasse mais do país natal, já que pôde perceber com lente de aumento a diferença entre ela e os franceses. Nesse caso, a identificação parece ocorrer com o que está mais distante, talvez porque aproximar-se tanto do estrangeiro faz com que as diferenças fiquem mais marcadas, o que

²⁸ *Je crois l'avoir [dénaturée] été suffisamment dans les passages de l'une à l'autre culture, d'un pays à l'autre, d'une langue de l'école et de ma mère à l'autre langue que je n'ai pas apprise, que je n'ai pas voulu apprendre ni pratiquer, ni lire ni écrire, que je veux toujours seulement entendre. Car ce que je sais, après tant d'années de pratiques multiples de la langue maternelle, le français, c'est que si j'avais su l'arabe, la langue de mon père, la langue de l'indigène, la parler, la lire, l'écrire..., je n'aurais pas écrit. De cela je suis sûre aujourd'hui. Si j'étais restée dans le pays de mon père, mon pays natal avec lequel j'ai une histoire si ambiguë, je n'aurais pas écrit, parce que faire ce choix-là, c'était faire corps avec une terre, une langue, et si on fait corps, on est si près qu'on n'a plus de regard ni d'oreille et on n'écrit pas, on n'est pas en position d'écrire.*

segrega o sujeito do meio social no qual se encontra. Tal qual a imagem elaborada por Kristeva (1994) a respeito da felicidade do estrangeiro e o sentimento suscitado pela percepção da diferença:

Existem estrangeiros felizes? O rosto do estrangeiro queima a felicidade. Primeiramente, a sua singularidade impressiona: esses olhos, esses lábios, essas faces, essa pele diferente das outras o destacam e lembram que ali existe *alguém*. A diferença desse rosto revela um paroxismo que qualquer rosto deveria revelar ao olhar atento: a inexistência da banalidade entre os seres humanos. Entretanto, é o banal, precisamente, que constitui uma identidade para os nossos hábitos diários. Porém esse discernimento dos traços do estrangeiro, que nos cativa, ao mesmo tempo nos atrai e repele [...]. Do amor ao ódio, o rosto do estrangeiro nos força a manifestar a maneira secreta que temos de encarar o mundo, de nos desfigurarmos todos, até nas comunidades mais familiares, mais fechadas. (KRISTEVA, 1994, p. 11)

Disso cresce o sentimento de desamparo, de desequilíbrio, como escreve Sebbar, que usa com frequência termos que fazem apelo à intersecção, à divisão e ao desequilíbrio para se referir a si e aos seus gostos. Tais termos antagônicos (intersecção x divisão) demonstram uma contradição que é constitutiva dos sujeitos. Mesmo depois de 20 anos vivendo na França, Sebbar escreve “Eu não tenho lugar em Paris” (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 26)²⁹, o que faz com que ela esteja sempre em movimento, sem parada. Sebbar escreve:

eu procuro principalmente lugares anônimos de reencontros impossíveis e onde eu posso ver e ouvir as diferenças, onde justamente eu não reencontro os mesmos. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 27)³⁰

A autora acrescenta que:

Eu percebo que esta *divisão* que me fez sofrer, hoje, faz parte de mim e quero preservá-la. Esta divisão em perigo permanente de unidade, de unificação, não sei qual seria a palavra certa. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 27-28)³¹.

Compreender e viver essa divisão desequilibrante só é possível devido à sua experiência do exílio, do entrecruzamento cultural.

A experiência desse entrecruzamento faz com que Huston escreva:

²⁹ *Je n'ai pas de lieu dans Paris.*

³⁰ *Je recherche plutôt des lieux anonymes de rencontres impossibles et où je peux voir et entendre des différences, où justement je ne retrouve pas les mêmes.*

³¹ *Je m'aperçois que cette division dont j'ai pu souffrir, aujourd'hui j'y tiens et je veux la préserver. Cette division en danger permanent d'unité, d'unification, je ne sais quel serait le mot juste.*

minha fixação na língua francesa tem (entre outros) como resultado que, a maior parte do tempo, eu tenho a impressão de viver entre aspas. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 168)³²

Nesse sentido, concordamos com Rajagopalan (1998) para quem “falar de identidade [...] é recorrer a uma ficção conveniente” (p. 42), já que a identidade sempre é/está entre aspas na medida em que o vocábulo prevê algo de idêntico e de uno, porém o conceito indica algo que por natureza sempre difere e constitui-se heterogeneamente.

Sobre as aspas, Authier-Revuz (1990) argumenta que elas servem, ao marcar a fala do outro, para manter a ilusão de univocidade no texto que não está entre aspas. Ou seja, as aspas são “formas marcadas de heterogeneidade mostrada que manifestam, sob a forma da denegação, um desconhecimento protetor da heterogeneidade constitutiva” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26) do discurso. Nesse sentido, o uso das aspas num discurso sobre identidade poderia ser interpretado como uma forma de manutenção da ilusão de homogeneidade, entretanto, por sabermos que a univocidade é uma ilusão, as aspas acabam por corroborar a noção de que o processo de identificação se constrói na e pela alteridade.

Da mesma forma, o exílio parece servir, para Huston, como uma forma de pôr em relevo tal alteridade. Viver no estrangeiro é o que turva a ilusão de transparência da língua, de homogeneidade e completude da identidade. À afirmação de Huston, Sebbar responde:

Você diz que fala e que vive sempre entre aspas; eu percebo que, para me definir, eu precisaria de tantas aspas que finalmente a palavra desapareceria abafada pela quantidade de reticências. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 176)³³

E, realmente, seu texto contém uma grande quantidade de reticências. Por exemplo, ao falar de si por meio de afirmações “eu sou francesa, escritora francesa de mãe francesa e pai argelino...” (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 134)³⁴, o uso das reticências causam um efeito de sentido modalizador; essas afirmações não bastam para definir e não são verdades irrefutáveis. O autoquestionamento do que se diz mostra-se nas reticências, nos itálicos, nas aspas, etc. enfim, são vários os marcadores textuais usados que levam o leitor a perceber os conflitos constitutivos das escritoras e de suas escritas.

Dessa forma, no que tange à problemática da herança e da morada, percebemos, ao analisar as cartas, que o traço de identidade ligado ao país de origem tem consequências no

³²*ma fixation sur la langue française a (entre autres) pour résultat que, la plupart du temps, j'ai l'impression de vivre entre guillemets.*

³³*Tu dis que tu parles et que tu vis souvent entre guillemets ; je m'aperçois que, pour me définir, j'aurais besoin de tant de guillemets que finalement le mot disparaîtrait étouffé par la quantité des réticences.*

³⁴*Je suis française, écrivain français de mère française et de père algérien...*

modo como Sebbar e Huston se relacionam com a França, com outros imigrantes e com a maneira segundo a qual interpretam suas próprias vivências. Huston teme se misturar com outros americanos. Sebbar sente que não corre esse risco, pois sabe que não é nem francesa-nata nem árabe, estando sempre em desequilíbrio, dividida, num cruzamento. O entrecruzamento cultural advindo da experiência do exílio alimenta a sensação de que se vive entre aspas, colocando em relevo a alteridade, a qual constitui o processo de identificação.

2.2 Identificações com o exílio: sobre vivência entre culturas

Viver longe da terra natal pode ser uma experiência traumatizante e enriquecedora ao mesmo tempo, pois possibilita aprendizados que não ocorreriam sem o movimento geográfico e o embate de culturas distintas. Nas palavras de Huston:

Além disso, eu acho que viver no estrangeiro me civilizou. Não porque a França é um país mais civilizado que a América (o que é sem dúvida verdade), mas porque há sempre algo de ridículo em perder a linha em uma língua estrangeira: o sotaque piora, o ritmo embala e tropeça, não conseguimos realmente ‘gritar’, ‘extravasar’, empregamos gírias sem discernimento – e, de repente, a gente deve procurar dentro de si uma maneira mais refinada para exprimir sua raiva... (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 23)³⁵

A afirmação entre parênteses – “(*ce qui est sans doute vrai*)” – mostra que o fascínio pela cultura do outro prevalece mesmo depois de anos de vivência nessa cultura, o que tem como consequência a manutenção do status de estranho, estrangeiro para esse eterno hóspede que nunca poderá sentir-se confortável para ser anfitrião, independentemente do nível de “proficiência” na língua do lugar de acolhida. Conhecer essa impossibilidade confere ao sujeito um lugar situado no entre: nem totalmente estrangeiro e nunca anfitrião.

Sebbar relata que sua vivência entre lugares se apresenta nos seus gostos e hábitos, por exemplo, relacionados a viagens. Escreve que costuma passar longos períodos em cafeterias, estações de metrô ou de trem, portos e aeroportos. Gosta de observar os viajantes, mas não gosta de ser um deles, conforme escreve:

Eu não gosto de viajar, mas gosto das estações, dos portos, dos aeroportos..., esses lugares de circulação, de passagem, onde eu posso, como em uma

³⁵*Du reste [...] je trouve que vivre à l'étranger m'a civilisée. Non pas parce que la France est un pays plus civilisé que l'Amérique (ce qui est sans doute vrai), mais parce qu'il y a toujours quelque chose de ridicule à s'emporter dans une langue étrangère : l'accent s'empire, le débit s'emballe et achoppe, on n'arrive pas à vraiment « gueuler », à vraiment « se défouler », on emploie les jurons à tort et à travers – et, du coup, on doit s'ingénier à trouver des moyens plus raffinés pour exprimer sa colère...*

cafeteria, ficar horas sem planos, sem ter de ir ou voltar. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 9)³⁶

Essa afirmação pode parecer um pouco contraditória, e o é, pois o exílio vivido por ela é paradoxal. Podemos entender que, talvez, para Sebbar, ser uma passageira remeta ao lado negativo do exílio: ao fato de não ter lugar próprio, já que viajar pressupõe um ponto de partida e um ponto de chegada; pontos fixos que ela não possui. Por isso sente-se incomodada com a vivência do movimento de uma viagem, enquanto prefere permanecer no templo do “não lugar”: passar seu tempo justamente onde não se exige parada, apenas observando, com certo distanciamento, a movimentação alheia. Viver em exílio é isso, é viver entre lugares, sem lugar para se fixar.

Sebbar considera o próprio papel em que a carta está sendo escrita – um papel estampado emprestado por um garçom do café onde ela se encontrava – uma marca de seu exílio. Assim ela inicia a primeira carta:

Aqui está para mim, e sem que eu o tivesse procurado nem provocado, como por si mesmo, o sinal tangível, concreto, materialmente voluptuoso do exílio. Esse papel estampado, [...] eu acreditei que ele absorveria toda a tinta e me impediria de lhe escrever. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 7)³⁷

O medo do papel em branco parece ser uma constante para o escritor, medo que ele associa ao fato de não conseguir deixar marcas nesse papel, de passar em branco, mas, no caso de Sebbar, o papel que ela usa não lhe chega em branco, de forma que o medo se transfere para a possibilidade de absorção da tinta que apagaria as marcas feitas por ela.

Uma marca, porém, da qual Sebbar parece não poder escapar é a que carrega em sua própria bolsa. A autora associa a bagunça de sua bolsa com a desordem da vida no estrangeiro. Em suas palavras:

Um exame rigoroso de nossas bolsas revelaria, eu acho, duas ou três coisas que eu não posso nomear outra coisa além de exílio. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 8)³⁸

³⁶*Je n'aime pas voyager, mais j'aime les gares, les ports, les aéroports..., ces lieux de circulation, de passage, où je peux comme dans une brasserie rester des heures sans projet, sans avoir à partir ou à revenir.*

³⁷*Voici pour moi, et sans que je l'aie cherché ni provoqué, comme de soi-même, le signe tangible, concret, matériellement voluptueux de l'exil. Ce papier gaufré, [...] j'ai cru qu'il boirait toute l'encre et m'empêcherait de t'écrire.*

³⁸*Un examen rigoureux de nos sacs à main révélerait je pense deux ou trois choses de ce que je ne peux nommer autrement que l'exil.*

Em sua bolsa havia apenas um documento pessoal, seu passaporte, e vários papéis, de vários tipos, desde guardanapos com anotações até bilhetes de trem e notinhas das cafeterias onde ela gosta de passar o tempo escrevendo. Esse exame rigoroso nos faz perceber o exílio – ou, pelo menos, o exílio de Sebbar – como uma marca de multiplicidade e desorganização.

Se, para Sebbar, os lugares públicos é que representam o exílio, para Huston é seu estúdio de trabalho que cumpre este papel. Contraditoriamente, ela se sente em casa e *dépaysée* no mesmo lugar:

Eu fico lá sozinha a maior parte do tempo, lá eu me sinto em casa e, entretanto, sempre um pouco despaísada. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 21)³⁹

Segundo o dicionário *Le petit Larousse illustré* (2005, p. 349), *dépayser* significa: fazer mudar de país, de meio, de ambiente. Desorientar mudando os hábitos; turvar, desconcertar. Por isso optamos traduzir “*dépaysée*” pelo neologismo “despaísada” que parece “resgatar” esses sentidos ao associar o prefixo “de”, que remete à negação, à noção de distanciamento, de separação e de privação (cf. Deângeli, 2012b, p. 74), com a polissemia de terra e de coletividade da palavra “país”. Assim, Sebbar sempre está deslocada, de forma que a estrangeiridade se apresenta mais de uma vez como uma necessidade e um lugar de morada: desde a escolha do bairro onde mora em Paris, o *Marais*, um dos bairros com maior população de imigrantes, até a própria língua de produção escrita, passando pela profissão de escritora, já que escrever é sempre inscrever-se no texto, habitá-lo, mas, paradoxalmente, não ter ponto geográfico fixo. Sobre o bairro que escolheu para morar em Paris, Huston escreve:

Aqui, minha “estrangeiridade” não pode nunca ser esquecida, pelo simples fato de que os comerciantes falam entre eles em línguas que eu não entendo (árabe e ídiche) e porque as lojas são fechadas em horários insólitos. Há seis anos moro na rua *des Rosiers*, eu fiz, claro, conhecidos [...]; o porteiro e certos vizinhos me perguntam regularmente pela minha filha; mas é claro que eu não faço parte do mundo deles. A gente se sorri, troca pequenos favores, e para aí. Eles também são expatriados, de um modo ou de outro – frequentemente eles “voltam” para Israel ou Marrocos durante o verão –, mas em Paris eles formam entre eles uma *comunidade*, com tudo o que essa palavra implica de hábitos familiares e de restrições. Eu olho isso com uma nostalgia dificilmente explicável – pois mesmo na minha infância eu não conheci isso, esse sentimento de “família grande” – ao mesmo tempo eu fico contente por frequentá-los sem estar envolvida nisso. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 21-22)⁴⁰

³⁹ *J’y suis seule la plupart du temps, je m’y sens tout à fait chez moi, et pourtant toujours un peu dépaysée.*

⁴⁰ *Ici, mon “étrangéité” ne peut jamais s’effacer, ne serait-ce que parce que les commerçants parlent entre eux des langues que je ne comprends pas (l’arabe et le yiddish) et parce que les magasins sont fermés selon des horaires insolites. Depuis six ans maintenant que j’habite la rue des Rosiers, j’ai bien sûr fait des connaissances [...] ; la concierge et certaines voisines me demandent régulièrement des nouvelles de ma fille ;*

O problema da morada também aparece com frequência nas cartas de Huston, funcionando como indício significativo de sua condição de exilada. A expressão “*rentrer chez moi*” é problemática para as autoras, tanto no que tange ao íntimo – no sentido de “eu” uno, que por saber ser ilusão causa desconforto – quanto no que se refere à casa – no sentido de lugar que representa aconchego em família. Huston relata que as pessoas se surpreendem quando ela diz que não tem outra casa além de Paris, por isso frequentemente precisa explicar que nunca morou tanto tempo no mesmo lugar e que nunca morou onde seus pais moravam no momento – durante os nove anos de casamento seus pais trocaram de endereço 18 vezes. Novamente, é a diferença de história e de raízes que causa o estranhamento. Segundo Huston, para um europeu seria impossível não sentir o “mal do país” (“*mal du pays*”) – expressão que em inglês (*homesick*) também carrega o sentido de doença, mas que em português (saudade de casa) se distancia da negatividade das expressões “*mal du*” e “*sick*” – ao estar tão longe, e por tanto tempo, do país natal. Porém, a convivência ambígua com diferentes percepções do que seria viver longe da pátria faz com que Huston adjective seu exílio de falso, superficial, individualista, mas não menos real (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 22).

Em sua penúltima carta, Huston parece viver uma crise mais intensa em relação ao seu exílio, e tenta encontrar conforto nas palavras de seu marido, que possui dez anos a mais de experiência de exílio. Para ele, há três fases do exílio: (i) nos primeiros anos, a pessoa “se desfaz alegremente de seu passado”⁴¹ assimilando rapidamente a cultura, a língua e a história de seu novo país; (ii) em seguida, quando “o exílio toma uma forma menos poética, mais concreta, pesada e institucional”⁴², “há um ressurgimento do recalcado”⁴³. A pessoa rememora sempre aquilo que abandonou, sente a perda e o empobrecimento dela decorrente. “O país adotivo, de um paraíso doméstico, se transforma subitamente em prisão”⁴⁴; (iii) depois, a segunda fase dá lugar à terceira, que ele nomeia de “desespero sereno” (*désespoir serein*), que consiste em saber que nunca irá assimilar perfeitamente o país de adoção e também nunca terá uma relação

mais il est clair que je ne fais pas partie de leur monde. On se sourit, on se rend des petits services, et ça s'arrête là. Eux aussi sont expatriés, d'une façon ou d'une autre – souvent ils « rentrent » en Israël ou au Maroc pendant l'été –, mais à Paris ils forment entre eux une communauté, avec tout ce que ce mot implique d'habitudes familières et de contraintes. Je regarde cela avec une nostalgie difficilement explicable – car même dans mon enfance je ne l'ai pas connu, ce sentiment de « famille élargie » - et en même temps je suis contente de le côtoyer sans y être impliquée.

⁴¹ On se déleste allégrement de son passé.

⁴² L'exil a pris une forme moins poétique, plus concrète, lourde et institutionnelle.

⁴³ Il y a un retour en force du refoulé.

⁴⁴ Le pays d'adoption, d'un paradis apprivoisé, se transforme subitement en prison.

harmoniosa e transparente com o país de origem (p. 195). Naquele momento, Huston declarou que se encontrava na segunda fase.

A este relato, Sebbbar responde que seu medo é estar perdendo seu território, sua terra, o exílio, demonstrando – uma vez mais e corroborando tudo que já havia escrito nas cartas anteriores – que o exílio a constitui e é sua morada, de forma que ela não pode fugir dos cruzamentos e das divisões. O que muda aqui é o sentimento, não mais de angústia, mas de felicidade, em relação à sua condição de “entre”:

Felizmente, graças a uma viagem a Marseille, tive certeza – porque se tratava, naquela noite, de culturas cruzadas – de que eu não escaparei à divisão biológica da qual nasci. Nada, eu o sei, evitará jamais, nem abolirá a ruptura primeira, essencial: meu pai árabe, minha mãe francesa; meu pai mulçumano, minha mãe cristã; meu pai cidadão de uma cidade marítima, minha mãe habitante do interior da França.... Eu me apego ao cruzamento, em desequilíbrio constante, por medo da loucura e da negação se eu estou deste ou daquele lado. Então, eu estou na borda de cada uma dessas bordas... (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 199)⁴⁵

Estar entre línguas e culturas não significa estar no meio, no centro, pelo contrário, empurra para as margens, para as bordas de cada lado, de cada cultura, impondo um constante cruzamento e desequilíbrio. O apego à borda e a aceitação do exílio nasce da herança deixada pelos pais que também possuem suas vidas marcadas pelo desterro:

Filha de um pai em exílio na cultura do Outro, do Colonizador, longe de sua família, em ruptura de religião e de costumes, filha de uma mãe em exílio geográfico e cultural – minha mãe deixara no drama uma família de agricultores de Dordonha para seguir um árabe num país distante –, eu herdei, acho, desse duplo exílio parental uma disposição ao exílio, ouvi dizer que há, no exílio, tanto solidão quanto excentricidade. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 51)⁴⁶

Ao herdar o duplo exílio parental, Sebbbar precisa decidir o que fazer com o legado, sofrer ou aprender com a herança que a constitui.

⁴⁵*Heureusement, grâce à un voyage à Marseille, j'ai la certitude – parce qu'il était question là-bas, ce soir-là, de cultures croisées – que je n'échapperai pas à la division biologique d'où je suis née. Rien, je le sais, ne préviendra jamais, n'abolira la rupture première, essentielle : mon père arabe, ma mère française ; mon père musulman, ma mère chrétienne ; mon père citadin d'une ville maritime, ma mère terrienne de l'intérieur de la France... Je me tiens au croisement, en déséquilibre constant, par peur de la folie et du reniement si je suis de ce côté-ci ou de ce côté-là. Alors je suis au bord de chacun de ces bords...*

⁴⁶*Fille d'un père en exil dans la culture de l'Autre, du Colonisateur, loin de sa famille, en rupture de religion et de coutumes, fille d'une mère en exil géographique et culturel – ma mère avait quitté dans le drame une famille d'agriculteurs de Dordogne pour suivre un Arabe dans un pays lointain –, j'ai hérité, je crois, de ce double exil parental une disposition à l'exil, j'entends là, par exil, à la fois solitude et excentricité.*

Eu me digo sempre que o exílio (ou meu cruzamento – é a mesma coisa para mim –) me endureceu, enquanto para você o efeito contrário se produziu e hoje eu gosto, em você, disso que me deixava desconfortável quando eu a conhecia menos, dessa maneira que você tem de abordar alguém, não necessariamente uma pessoa próxima, manifestando-lhe, pelo gesto do rosto e do corpo, e sua maneira de dizer oi ou tchau, que ele existe. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 175)⁴⁷

O exílio é percebido e vivido de formas diferentes pelas autoras, mas há correspondência de questionamentos identitários. Para ambas, o corpo importa. O corpo materializa os entrecruzamentos constitutivos de suas identidades ao mesmo tempo em que assevera a falta do sentimento de pertencimento ao deixar transparecer o pertencimento e a estrangeiridade. Huston escreve:

[...] eu me sinto frequentemente falsa [...] eu sou francesa falsa, uma falsa canadense, uma falsa escritora, uma falsa professora de inglês.... (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 101)⁴⁸

Por sentir-se uma impostora, Huston teme (“*je redoute*”, p. 60) reencontros com pessoas do passado, pois corroboram a sensação de que o que ela se tornou é uma imitação malfeita do que ela foi. Imitação malfeita por ser muito diferente e, ao mesmo tempo, parecida com quem era. Huston sempre diz que o núcleo do eu é a infância, numa tentativa de não se perder e justificando a impossibilidade de se desfazer do passado. Em suas palavras:

Afinal, *no fundo*, nosso ‘verdadeiro’ eu é exatamente aquele, atrofiado e ridículo, da infância..., não é? (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 60)⁴⁹

As aspas em “*vrai*” e a pergunta de confirmação no final mostram que sua tese ainda estava em desenvolvimento e ela não afirma categoricamente a existência de um verdadeiro eu, mas se ele existisse, seria aquele da infância, estaria relacionado com tudo o que se vive e aprende nos primeiros anos de vida, quando a ilusão de transparência e completude da língua é forte e imperceptível.

Assim sendo, viver no entre, sem lugar para se fixar, confere ao sujeito um sentimento de constante estrangeiridade. Estrangeiridade que acaba por funcionar como um lugar de

⁴⁷*Je me dis toujours que l'exil (ou mon croisement – c'est pareil pour moi –) m'a raidie, alors que pour toi l'effet contraire s'est produit et j'aime aujourd'hui, chez toi, ce qui me mettait mal à l'aise quand je te connaissais moins, cette façon que tu as d'aborder quelqu'un, pas nécessairement une personne proche, en lui manifestant par le geste du visage et du corps, et ta manière de dire bonjour ou au revoir qu'il existe.*

⁴⁸*[...] je me sens souvent fausse [...] je suis fausse Française, une fausse Canadienne, une fausse écrivaine, une fausse professeur d'anglais...*

⁴⁹*Car après tout, au fond, notre “vrai” moi est bien celui, rabougri et ridicule, de l'enfance..., n'est-ce pas ?*

morada. Morada cuja existência não tranquila levou ao exílio, no caso das escritoras sobre as quais nos debruçamos. As duas autoras herdaram, de diferentes formas, a dificuldade de se fixar dos seus respectivos pais. Por isso é perceptível que o exílio, a condição de entre lugar, constitui as identidades desses sujeitos.

2.3 Identificações com o gênero: sobre mulheres e feminismo

Retomando⁵⁰ a discussão empreendida por Butler sobre a performatividade do gênero, discutimos, nesta seção, em que sentido Sebbar e Huston demonstram viver o embate entre “ser mulher” – num momento em que tal epíteto é envolto por muitas restrições sociais e legais – e ser escritora. O que parece ser relevante num primeiro momento é o fato de que tanto os movimentos feministas quanto a família desempenham papéis significativos no processo de identificação (e também de desidentificação) com o gênero.

Ao longo das cartas, o assunto “ser mulher” faz parte da produção das autoras, retornando inúmeras vezes, de várias formas, para mostrar as diferentes concepções de cada uma. Dada as peculiaridades de cada história de vida, é evidente que elas tenham anseios diferentes em relação à vida conjugal e à maternidade, por exemplo, mas demonstram de forma parecida o medo de perder suas individualidades para o papel que a sociedade tende a impor à mulher. Por isso elas se apegam fortemente ao trabalho de escritora e às leituras feministas, que, nesse cenário, também desempenham a função de assegurar que não terão a mesma vida que suas mães tiveram e não cometerão os mesmos erros, conforme escreve Huston:

Mas o feminismo não representa também, [...], uma forma de criticar nossas mães? (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 193)⁵¹.

Dentre os desdobramentos do abandono pela mãe podemos situar a relação de Huston com a maternidade. Embora ela não escreva muito sobre isso de forma direta, sua relação com sua filha aparece em vários momentos ao longo das cartas. Sebbar é quem pede para que Huston escreva sobre a filha, comentando o quanto gostaria de ter uma menina com quem pudesse conversar sobre as particularidades de ser mulher, para quem pudesse ensinar a luta feminista. Por outro lado, Huston demonstra receio de assemelhar-se demais com a sua própria mãe, enquanto parece sentir-se acusada de não ser uma boa mãe, e reproduz comentários feitos por parentes, por exemplo um comentário feito pela avó da filha quando esta estava com a babá:

⁵⁰ Apresentamos essa discussão na primeira parte da dissertação, na página 31.

⁵¹ *Mais le féminisme ne représentait-il pas aussi, [...], une manière de critiquer nos mères ?*

A avó dela está aqui agora; ela acha minha filha muito simpática, mas é patente que ela me acha escandalosa. Ela não para de me lançar olhares desaprovadores (tenho certeza de que não fabulo) e de fazer pequenas observações do tipo: “Como assim, ela tem duas mães, sua filha!”; subentendido: “No meu tempo, era impensável algo parecido, que uma mãe abandonasse suas crianças a uma outra mulher – ainda mais durante as férias!” (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 56)⁵²

Se ela fabulava, não temos como saber, mas a importância que esse tipo de comentário ganha em sua vida não pode ser entendida de outra forma senão como um medo de repetir os erros da mãe, um medo de se perceber parecida com a mãe da qual ela sempre tentou se afastar, buscando refúgio até mesmo em outra língua. Com relação a isso, Huston formula:

Mais e mais frequentemente, eu tenho refletido que a maternidade é uma imensa rede de culpabilização em todos os sentidos. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 56)⁵³.

Enquanto usa aspas para marcar o distanciamento da fala reprobatória da sogra, opta pelo discurso indireto ao mencionar um comentário com o qual concorda, embora o atribua a uma cabelereira da “região parisiense”:

A cabelereira do vilarejo ao lado, que vem da “região parisiense”, se queixava outro dia que as mulheres daqui, uma vez casadas, não procuram mais seguir a moda, seduzir, fazerem-se belas; a vida se interrompe para elas aos vinte anos e elas se sacrificam por seus filhos... (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 56)⁵⁴

Sacrifício que Huston não faz, pois significaria ser menos independente do que uma mulher feminista e graduada deveria ser, mas que ao mesmo tempo ela se arrepende de não o fazer porque isso a identifica, de certa forma, com sua própria mãe. Ser mulher naquela época também significava viver no entre, entre a tradição patriarcal e a emancipação feminina. Emancipação que se realiza sobretudo por meio da relação da mulher com o mercado de trabalho.

⁵² *La grand-mère de celle-ci est là en ce moment ; elle trouve ma fille très sympathique mais c'est patent qu'elle me trouve, moi, scandaleuse. Elle ne cesse de me jeter des regards désapprobateurs (je suis sûre que je ne fabule pas) et de faire de petites remarques du genre : « Comme ça, elle a deux mères, votre fille ! » ; sous-entendu : « De mon temps, c'était impensable des choses pareilles, qu'une mère abandonne ses enfants à une autre femme – et pendant les vacances, en plus ! ».*

⁵³ *De plus en plus souvent, je me fais la réflexion que la maternité est un immense réseau de culpabilisation tous azimuts.*

⁵⁴ *La coiffeuse du village à côté, qui vient de la « région parisienne », se plaignait l'autre jour de ce que les femmes d'ici, une fois mariées, ne cherchent plus du tout à suivre la mode, à séduire, à se faire belles ; la vie s'arrête pour elles à vingt ans et elles se sacrifient pour leurs enfants...*

As próprias cartas são entendidas como uma forma de ofício, se não por elas, por aqueles que as cercam, como os maridos que são citados esporadicamente. Huston comenta, na carta XVI, agradecendo pela visita de Sebbbar enquanto estava doente, que as duas nunca se encontraram sem um objetivo definido, geralmente relacionado ao trabalho, de modo que seus maridos sequer se conheciam. Um motivo para isso acontecer é o fato de elas nunca pararem de trabalhar. Ambas demonstram medo de tirar férias e cuidar da casa, de ficar sem escrever e perder suas identidades de escritoras, medo, conforme escreve Huston, do “espectro da Mulher-doméstica-e-faxineira sempre pronto para nos abocanhar” (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 102)⁵⁵. Enquanto, segundo Huston, seu marido, também escritor, fica tranquilamente semanas sem trabalhar, ela não consegue passar um dia sequer sem escrever. Ou seja, para uma mulher o medo de perder ou não saber qual é sua identidade individual parece ser maior, pois o fantasma do estereótipo sempre ameaça roubar identidades ao impor características uniformes para vários sujeitos diferentes.

Por esse motivo, tanto Huston quanto Sebbbar demonstram sentir necessidade constante de se afirmarem como escritoras. Em outras palavras, observamos que as duas autoras evitam o que é imposto pela norma cultural ao corpo feminino. Tal evasiva pode ser explicada de acordo com Butler (1993/2000) seguindo o viés de uma política feminista, que pode ser mobilizada “precisamente através de práticas que enfatizem a desidentificação com aquelas normas regulatórias pelas quais a diferença sexual é materializada” (BUTLER, 1993/2000, p. 113). Dessa forma, escrever faz parte da luta feminista por representar uma forma de ruptura com o papel historicamente estipulado à mulher, já que o ato de produzir só era permitido aos homens, enquanto às mulheres era associado o ato de “reproduzir”. Sendo as mulheres sempre colocadas à margem no processo criativo, a literatura escrita por elas era considerada marginal, não canônica. Marginalidade da qual Huston e Sebbbar se aproveitam para, com liberdade, brincarem com a língua e questionarem as formações identitárias, dando vozes a outros marginalizados por meio das temáticas de suas obras.

A consequência dessa relação entre feminismo e trabalho é que a escrita dessas autoras sempre esteve ligada ao movimento feminista. Por exemplo, o primeiro texto em francês de Huston foi escrito a convite de um periódico feminista, *Sorcière*, e as duas se conheceram ao trabalharem num jornal feito por mulheres para mulheres, *Histoire d’elles*, e aderiram à causa do Movimento de Libertação das Mulheres (MFL). E, segundo Sebbbar, foi no Movimento que ela tomou conhecimento de sua condição de mulher e exilada:

⁵⁵ *Le spectre de la Femme-domestique-et-ménagère, toujours prête à nous happer.*

É minha consciência do exílio que me fez compreender e viver a divisão, no movimento das mulheres particularmente, no qual aprendi que sou uma mulher em exílio, quer dizer, sempre no limite, na fronteira, em posição de franco-atirador, afastada, sempre à margem, de um lado e do outro, em desequilíbrio permanente. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 28)⁵⁶

A posição marginal de Sebbar se caracteriza tanto por não ser nativa do país onde vive quanto pelo simples fato de ser mulher. A combinação – mulher e(m) exílio – torna ainda mais forte o sentimento de falta de lugar no mundo que a cerca, complexificando os processos de identificação. De forma que entendemos o gênero como uma faceta da identidade que também se constitui num processo contínuo de reconhecimento de si no outro e do outro em si, nesse dizer de si e do outro, sobre si e sobre o outro.

Isto posto, entendemos que o traço de identidade ligado ao gênero é relevante pois as normas sociais que regulam o sexo tem forte influência na constituição identitária do sujeito. O trabalho e as leituras feministas contribuem para que Sebbar e Huston não se encaixem no culturalmente esperado, gerando uma crise de identidade por viverem no entre a emancipação feminina e a contenção da sociedade patriarcal. Por isso o Movimento das mulheres e os grupos feministas foram importantes para o relacionamento das autoras com suas famílias e com a maneira segundo a qual se relacionam com o mundo e, sobretudo, com a escrita.

2.4 Identificações com as línguas: sobre o entre línguas

Considerando o que geralmente se diz no campo dos estudos da linguagem sobre a língua materna, o francês deveria ocupar esse papel para Sebbar, mas seus relatos fazem parecer que ela não possui uma relação confortável com nenhuma língua. Huston comenta sobre a amiga:

O que me impressionou sempre em você, é que você consegue falar e escrever francês *como* uma língua estrangeira. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 15)⁵⁷

Tal questão nos faz pensar o que significaria esse “*como* língua estrangeira”: o que caracteriza e, portanto, diferencia uma língua estrangeira e uma língua “doméstica”? Huston aponta, como característica da estrangeiridade da língua, o fato de Sebbar não usar os lugares

⁵⁶ *C'est ma conscience de l'exil qui m'a fait comprendre et vivre la division, dans le mouvement des femmes en particulier, où j'ai su que je suis une femme dans l'exil, c'est-à-dire toujours à la lisière, frontalière, en position de franc-tireur, à l'écart, au bord toujours, d'un côté et de l'autre, en déséquilibre permanent.*

⁵⁷ *Ce qui m'a toujours impressionnée chez toi, c'est que tu parviennes à parler et à écrire le français comme une langue étrangère.*

comuns, a retórica acadêmica e as expressões da moda. Porém, como saber se é voluntário ou não, se é questão de estilo ou consequência da não identificação com aquela língua e aquela cultura? O mais provável é que seja uma mistura de tudo isso, pois não é possível desvincular o estilo e a subjetividade, a produção escrita e o sentimento de (des)conforto propiciado pela língua dessa escrita.

Entretanto, Huston parece ter uma definição própria na qual a língua estrangeira é livre e precisa ao mesmo tempo:

Como você conseguiu evitar as armadilhas do que você chama de cultura dominante (que era, no entanto, a da sua mãe) e inventar para si uma língua tão franca, tão pessoal, um idioma ao mesmo tempo livre e preciso? (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 15, grifo nosso)⁵⁸

Pensar numa língua “franca”, sincera, seria retornar para a ilusão de que há um significado intrínseco, uma essência e creditar à amiga um bom uso dessa “essência”? Podemos pensar, ainda, que as constantes tentativas de definição e marcação de lugar de/para as línguas demonstram uma necessidade, para Huston, de manter, até certo ponto, um distanciamento entre as línguas, para evitar uma “polifonia desmesurada” (cf. Todorov, 1985) que poderia levar à perda da voz.

Para Sebbar o espectro da língua do pai, o árabe, a afasta da língua francesa. Apesar de o francês ser sua língua materna e de Sebbar não saber árabe, a autora apresenta os conflitos identitários oriundos do viver entre línguas: não vive com tranquilidade a ilusão de transparência da língua. A escrita de Sebbar funciona como uma demonstração da multiplicidade inerente a toda língua.

Sobre o árabe, Sebbar relata que nunca foi fluente nessa língua, aprendera apenas algumas expressões da variedade menos prestigiada, de forma que ela gosta apenas de ouvir árabe:

[...] porque eu gosto apenas de ouvir. É isso o que eu sempre fiz pela língua de meu pai, de minha terra natal. Eu lhe disse que eu nunca a falei fluentemente. Eu conhecia frases, expressões da língua popular que falam as crianças árabes e todos os argelinos que não estão nas mídias e nas instituições hoje. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 159)⁵⁹

⁵⁸ *Comment se fait-il que tu aies su éviter ces pièges de ce que tu appelles la culture dominante (qui était quand même celle de ta mère) et t'inventer une langue si fraîche, si personnelle, un idiome à la fois libre et précis?*

⁵⁹ *[...] parce que j'aime seulement entendre. C'est ce que j'ai toujours fait pour la langue de mon père, de ma terre natale. Je t'ai dit que je ne l'ai jamais parlée couramment. Je connaissais des phrases, des expressions de la langue populaire que parlent les enfants arabes et tous les Algériens qui ne sont pas dans les médias et les institutions aujourd'hui.*

Ela conhece o árabe, mas o evita para evitar a aproximação com a terra e a cultura que poderiam impedi-la de escrever sobre essa mesma terra e essa mesma cultura.

Durante sete anos no colégio, eu aprendi o árabe clássico... em vão. Eu sabia ler as palavras, as frases porque eu conhecia o alfabeto, eu tinha um sotaque que fazia rir as meninas que falavam árabe como língua materna.... Se eu o tivesse aprendido como uma língua estrangeira, eu poderia ter me tornado uma arabista erudita [...]. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 159)⁶⁰

Ter aulas de árabe, mesmo vivendo num país árabe, não foi suficiente para que ela aprendesse a língua do pai. Questões sociais e de não identificação com as colegas de classe interferiram na sua aprendizagem do árabe. Mesmo sem poder falar essa língua, sua subjetividade é penetrada por ela, pois a faz desejar saber, sonhando com a possibilidade e inventando formas de realização – “se eu o tivesse aprendido como uma língua estrangeira, eu poderia ter me tornado uma arabista erudita” – a ilusão da “monolíngua do outro” (cf, Derrida, 1996). A relação de Sebbar com o árabe é, de fato, mais complexa por que este não é nem língua mãe nem língua estrangeira; é língua do pai.

Sebbar compara o desejo de aprender árabe com uma seção de análise psicanalítica e acrescenta que isso só aconteceria quando ela não tivesse mais inspiração para escrever em francês:

Ingenuamente eu acho que aprender o árabe agora teria o mesmo efeito de uma análise.... Deitar-me sobre um divã e fazer um curso de árabe, daria no mesmo.... Parece-me que o dia no qual eu decidirei aprender a ler, escrever e falar árabe, eu ficarei mal.... Eu quero dizer que será o sinal de que eu estou seca, de que não tenho mais inspiração. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 159-160)⁶¹

Relacionando essa passagem ao trecho anteriormente citado “*si j’avais su l’arabe, la langue de mon père, la langue de l’indigène, la parler, la lire, l’écrire..., je n’aurais pas écrit*”, no qual ela diz que se tivesse aprendido árabe ela não teria escrito, podemos entender que o francês é a língua na qual ela escreve o que parece interdito no árabe; o francês é língua estrangeira e materna ao mesmo tempo em que o árabe não é nem língua materna nem língua estrangeira.

⁶⁰*Pendant sept ans au lycée, j’ai appris l’arabe classique... en vain. Je savais lire les mots, les phrases parce que je connaissais l’alphabet, j’avais un accent qui faisait rire les filles qui parlaient l’arabe comme langue maternelle... Si je l’avais appris comme une langue étrangère, j’aurais pu devenir une arabisante érudite [...].*

⁶¹*Naïvement je crois qu’apprendre l’arabe maintenant aurait le même effet qu’une analyse... M’allonger sur un divan et suivre des cours d’arabe, cela reviendrait au même... Il me semble que le jour où je déciderai d’apprendre à lire, écrire et parler l’arabe, j’irai mal... Je veux dire que ce sera le signe que je suis sèche, que je n’ai plus d’inspiration.*

Esse vínculo complexo com as línguas gera um distanciamento em relação à cultura de seu país natal, que foi aprendida mais pelos livros do que pela vivência:

O que eu conheço da civilização e da cultura árabe-islâmica, eu o sei pelos livros escritos em francês ou traduzidos do árabe, do inglês do espanhol. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 159)⁶²

Ainda assim, muitos dos seus livros são sobre a Argélia e a língua de seu pai.

A vida de Huston é bastante diferente da vida de Sebbar, mas não menos carregada de crises identitárias, ligadas principalmente à língua. No seu caso, é o abandono da língua da mãe que a assombra – não por acaso da mãe que a abandonou quando criança. Nancy Huston escreve em francês para se sentir segura. Tenta desfazer-se da língua da mãe, e apropriar-se da língua do outro com o intuito de sentir-se livre dos recalques da língua da mãe e controladora dos sentidos do texto. Esforça-se para fugir das emoções ligadas à língua materna e refugia-se na possibilidade de correção e revisão da escrita em língua estrangeira. No entanto, trata-se de uma ilusão. Como lemos nas cartas, o que permanece é a impossibilidade de controle dos sentidos, o retorno do inglês e o sentimento de desconforto e de falta de morada.

Os conflitos identitários vividos por Huston podem ser observados desde as primeiras cartas: ser uma canadense anglófona é ter que se diferenciar constantemente dos estadunidenses; estabelecer vida na França é ter que se diferenciar dos franceses e dos turistas norte-americanos. Assim, ela mantém seu sotaque como forma de fricção entre si e a sociedade que a cerca; fricção que ela considera preciosa e indispensável justamente para marcar sua identidade própria e única. Segundo o relato de Huston, o uso cotidiano do francês e o uso restrito do inglês apenas em aulas fez com que seu vocabulário da língua inglesa diminuísse, com que a língua da mãe ficasse menos evidente; enquanto o francês continuava sendo, sempre, uma língua estrangeira, também não evidente. Assim, nas palavras de Huston:

[...] ao final de dez anos de vida no estrangeiro, longe de me tornar ‘perfeitamente bilíngue’, eu me sinto duplamente ‘milíngue’, o que não é muito diferente de analfabeta.... (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 77)⁶³

Nesse sentido, ser bilíngue não é dominar com maestria duas línguas, mas, pelo contrário, é vislumbrar a impossibilidade de tal domínio; é, até certo ponto, reconhecer que a

⁶²*Ce que je connais de la civilisation et de la culture arabo-islamiques, je le sais par les livres écrit en français ou traduits de l'arabe, de l'anglais, de l'espagnol.*

⁶³*[...] au bout de dix années de vie à l'étranger, loin d'être devenue « parfaitement bilingue », je me sens doublement mi-lingue, ce qui n'est pas très loin d'analphabète...*

distinção comumente aceita entre língua materna e estrangeira é uma ilusão, pois elas se imbricam e constituem simultaneamente a subjetividade de cada um.

O sentimento decorrente desse bilinguismo analfabeto é desconfortável, levando o sujeito a tentar impor lugares e funções específicas para as línguas como forma de evitar a perda da voz. Por isso, Huston diz que o francês “não será nunca para mim uma segunda mãe, mas sempre uma madrasta” (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 13)⁶⁴. Porém, é difícil afirmar se a relação entre a língua da mãe e os sentimentos é causa ou consequência dessa hierarquização das línguas. Definir qual a direção e o sentido do movimento efetuado pelas línguas não parece possível nem para o próprio sujeito que vivencia o bilinguismo nem para o pesquisador; a única certeza é que há movimentação constante e, por isso, não somos capazes de apreender por completo as línguas, mas apenas procurar os rastros deixados por seu deslocamento.

Além dessa tentativa de demarcar um lugar específico para cada língua, Huston não pode se desfazer daquilo que denuncia sua condição de estrangeira, o sotaque:

meu sotaque também está lá, inextirpável; eu sei que nunca me livrarei dele.
(HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 13)⁶⁵

O sotaque é um ponto importante sempre que o assunto é língua estrangeira, pois o senso comum tem em seu imaginário a crença de que é apenas má vontade dos estrangeiros, principalmente daqueles que vivem há muito tempo no país adotivo, como é o caso de Huston – que na época das cartas vivia há 10 anos na França –, não dominar a pronúncia da língua adotiva. Mas os depoimentos da autora mostram que não é algo simples que depende apenas de escolha ou esforço. Ter sotaque não é uma simples escolha “consciente”. A questão do sotaque vai além da prosódia e também diz respeito aos processos de identificação. No caso de Huston, além de uma marca de diferenciação entre ela e os que a cercam, o sotaque inglês se faz mais forte em momentos de sentimentos não controláveis, como nervosismo e raiva, de forma a reaproximar a língua inglesa à função subjetiva.

Da mesma forma que considera a língua francesa uma língua madrasta, Huston afirma não ter nenhum desejo de sentir-se francesa, de naturalizar-se, demonstrando um apreço pelo o que é estrangeiro. A vida longe da terra natal e a aprendizagem de uma língua estrangeira permitiram um distanciamento do país de origem e do país adotivo, que passaram a ser percebidos como culturas. Tal distanciamento foi motivador do nascimento da escrita de

⁶⁴ *Il ne sera jamais pour moi une deuxième mère, mais toujours une marâtre.*

⁶⁵ *mon accent à moi aussi est là, inextirpable ; je sais que je ne m'en débarrasserai jamais.*

Huston, pois o estranhamento causado funcionou como estimulador da curiosidade indispensável ao escritor. Eis uma síntese de sua relação com a língua francesa:

Viver no estrangeiro me permitiu ter, com relação ao país de origem e ao país de adoção, um pequeno recuo crítico: eu os percebo um e outro como *culturas*. A mesma coisa vale para a língua: apenas a partir do momento em que nada era óbvio – nem o vocabulário, nem a sintaxe, nem sobretudo o estilo –, a partir do momento em que estava abolido o falso natural da língua materna, que eu encontrei coisas para dizer. Minha “vinda à escrita” está intrinsicamente ligada à língua francesa. Não que eu a ache mais bela nem mais expressiva que a língua inglesa, mas, estrangeira, ela é suficientemente *estranha* para estimular minha curiosidade. (Ainda hoje, se eu tenho que escrever um artigo em inglês, eu o redijo primeiro em francês para o traduzir em seguida: perversão talvez, perda de tempo sem dúvida, mas sem isso eu teria a impressão de me afogar em evidências enganosas.). (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 14)⁶⁶

A escrita de Huston demonstra que sua “identidade” é formada pelas duas línguas, mas sem alcançar a tal completude (sempre ilusória) da prometida língua una. Ao menos até o momento em que escrevia as cartas, o francês era a única língua na qual via possibilidade de escrita, justamente por ser estranha, estrangeira. Apenas anos depois, quando o inglês já podia ser considerado uma língua estrangeira para ela, é que lhe foi possível escrever em inglês. O desejo incessante e irrealizável de apropriação completa da língua leva não apenas a um sentimento próximo do analfabetismo, mas também de que se vive entre aspas, com necessidade incessante de precisar o imprecisável significado das palavras.

Assim como as aspas, o itálico é citado, e usado, na obra para mostrar que a marca de estrangeirismo foi gradualmente passando, no caso de Huston, para as palavras da língua da mãe presentes nos textos naturalmente produzidos em francês. Tal mudança ocorre tanto nos textos profissionais quanto nos particulares, no seu diário pessoal, que guarda as lembranças de uma vida vivida em francês, por isso causa estranhamento a Huston:

Um dos efeitos dessa mudança [de língua], é que os itálicos mudaram pouco a pouco, eles também, de lado. Antes, eram as expressões francesas num texto em inglês que eu sublinhava cuidadosamente, e agora é o inverso. Em outras palavras, nas páginas que escrevo hoje, são as palavras da minha língua materna que saltam aos olhos, elas que são destacadas, cujo caráter exótico é

⁶⁶*Vivre à l'étranger m'a permis d'avoir, vis-à-vis du pays d'origine et du pays d'adoption, un petit recul critique : je les perçois l'un et l'autre comme des cultures. La même chose vaut pour la langue : ce n'est qu'à partir du moment où plus rien n'allait de soi – ni le vocabulaire, ni la syntaxe, ni surtout le style –, à partir du moment où était aboli le faux naturel de la langue maternelle, que j'ai trouvé des choses à dire. Ma « venue à l'écriture » est intrinsèquement liée à la langue française. Non pas que je la trouve plus belle ni plus expressive que la langue anglaise, mais, étrangère, elle est suffisamment étrange pour stimuler ma curiosité. (Encore aujourd'hui, si je dois faire un article en anglais, je le rédige d'abord en français pour le traduire ensuite : perversion peut-être, perte de temps sans doute, mais sans cela j'aurais l'impression de me noyer dans de évidences trompeuses.).*

apontado sistematicamente. Você não acha isso um pouco... bizarro? (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 36)⁶⁷

Entretanto, a segurança forjada na língua estrangeira perde força quando o pai e a mãe, símbolos da infância e da vida em inglês, reaproximam-se. Na carta XXVIII, Huston relata as visitas que recebeu dos pais com a seguinte introdução:

Você diz: ‘Quando eu escrevo, como você, eu estou na minha terra. ’ Bom, a terra está começando a se desfazer sob meus pés! Eu flutuo. Eu tenho vertigem. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 191)⁶⁸

A instabilidade da terra/escrita desencadeia uma crise de identidade (*crise d’identité*, p. 191) que a faz ter pesadelos com a possibilidade de perder seu francês (*dans un cauchemar récurrent, je perds mon français*, p. 194) e, consequentemente, de ser condenada a voltar para a terra natal:

Meu “verdadeiro eu” transparece cada vez mais através da máscara do “eu” francês. E me condenam a voltar para Alberta. Trata-se de uma condenação. Volte para casa, você não tem nada para fazer aqui, você sequer fala a língua. [...] Eu tenho vergonha desse sonho porque ele trai minha vergonha de minhas origens; e quanto desprezo para com meus pais, meus concidadãos, todo um meio, um mundo inteiro... (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 195)⁶⁹

Na carta XXIV, Huston relembra um encontro feminista do qual participou na primavera de 1974 e no qual as mulheres discutiam com furor a melhor maneira de responder a um pensador que escreveu que “a homossexualidade feminina estava se tornando um flagelo social” (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 169)⁷⁰. Conforme ouvia a discussão, Huston começou a compartilhar do ultraje e concordar que aquela frase era um escândalo. Porém, somente ao chegar em casa depois da reunião é que foi procurar no dicionário o significado da palavra *fléau* (flagelo), ou seja, toda a discussão havia sido quase incompreensível para ela no que tange ao vocabulário. Entretanto, o sentimento pode ser compartilhado mesmo quando o sentido é

⁶⁷ *L’un des effets de cette mutation, c’est que les italiques ont peu à peu, elles aussi, changé de bord. Avant, c’étaient les expressions françaises dans un texte anglais que je soulignais consciencieusement, et maintenant c’est l’inverse. Autrement dit, dans les pages que j’écris maintenant, ce sont les mots de ma langue maternelle qui sautent aux yeux, eux qui sont mis en valeur, eux dont le caractère exotique est systématiquement pointé. Ne trouves-tu pas que c’est un peu... bizarre ?*

⁶⁸ *Tu dis : « Lorsque j’écris, comme toi, je suis sur ma terre. » Eh bien, la terre est en train de se dérober sous mes pieds ! Je flotte. J’ai le vertige.*

⁶⁹ *Mon “vrai moi” transparait de plus en plus à travers le masque du « moi » français. Et l’on me condamne à retourner en Alberta. Il s’agit d’une condamnation. Rentrez chez vous, vous n’avez rien à faire ici, vous ne parlez même pas la langue. [...] J’ai honte de ce rêve parce qu’il trahit ma honte de mes origines ; et quel mépris à l’égard de mes parents, de mes concitoyens, tout un milieu, tout un monde...*

⁷⁰ *l’homosexualité féminine était en passe de devenir un fléau social.*

desconhecido, mas viver na outra língua nos faz, por causa dos discursos que pregam a dominação de uma língua, nos culpar e nos envergonhar por desconhecer uma simples palavra.

Sebbar e Huston demonstram de diferentes formas o quanto a língua é fundamental na constituição identitária do sujeito, de forma que viver entre línguas tem consequências complexas para a subjetividade. No caso específico de Huston, há um esforço para demarcar lugares específicos para cada língua, o que é frustrado pela imbricação dessas línguas. Daí surge um sentimento próximo ao do analfabetismo, já que é impossível dominar com maestria as línguas. Por sua vez, Sebbar não fala nem escreve a língua árabe, mas fala sobre quais seriam as implicações que essa língua-cultura teria na sua identidade, principalmente enquanto escritora.

2.5 Identificações com a escrita: sobre escrita e língua “estrangeira”

Todas as problemáticas que constituem a identidade, como a terra, o gênero, a cultura e a língua, interessam também à escrita. Escrever perpassa essas questões e se constitui a partir delas, as quais podem funcionar como motivadores específicos para um escritor. No caso de Huston, sua chegada à escrita (“*Ma venue à l’écriture*”⁷¹, p. 193) coincide com o início da sua vida na França e com o início do Movimento das Mulheres.

Ao falar sobre sua necessidade de escrever para marcar sua identidade de escritora, Huston comenta sobre a revista *Sorcières*, para qual escreveu seu primeiro texto em francês, relatando os sentimentos experimentados:

Foi Xavière Gauthier que, me contatando e me solicitando um texto (nunca se fala em ‘artigos’ na *Sorcières*, apenas “textos”) para o primeiro número da revista, forçou-me a ousar escrever em francês..., o que fiz, com muito tremor e embaraço, mas também com um prazer que eu nunca sequer poderia ter imaginado em inglês. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 102)⁷²

O tremor e o embaraço se confundem com o prazer, com o gozo que ela não pôde ter na língua da mãe. Escrever em francês pela primeira vez foi, podemos aqui dizer, como perder a

⁷¹Traduzimos “écriture” por « escrita » com base na observação de Nascimento (2004) que julgamos pertinente, segundo o qual: “écriture permite a dupla tradução por escrita ou escritura. Conforme se queira enfatizar o sentido mais elementar do termo, o ‘de texto escrito’, a tradução mais adequada seria ‘escrita’. Se há o desejo de reforçar o aspecto alegórico, ‘escritura’ remete à metáfora bíblica das Sagadas Escrituras, do documento jurídico etc.” (p. 34).

⁷²*C’est Xavière Gauthier qui, en me contactant et en me demandant un texte (on ne parlait jamais d’‘articles’ à Sorcières, seulement de ‘textes’) pour le premier numéro de la revue, m’a forcée à oser écrire en français..., ce que j’ai fait, avec beaucoup de trépidation et de maladresse, mais aussi avec un plaisir que je n’aurais même pas pu imaginer en anglais.*

virgindade, algo que se faz melhor fora de casa, que deve ser feito longe dos olhos dos pais. O gozo decorrente da escrita transparece em vários trechos, especialmente na forma poética como Huston narra sua primeira experiência de escrita em francês:

As palavras a minha disposição eram menos numerosas, mas elas tinham um gosto e principalmente um volume, elas estavam vivas; eu as organizava brincando com os sons como se eu construísse uma escultura musical... e isso funcionava. (HUSTON; SEBBAR, p. 103)⁷³

Demonstrando, pelas escolhas lexicais do relato, o prazer que sentiu ao produzir seu texto e ao ser convidada a continuar escrevendo, atividade libertadora para ela. Palavras do domínio das sensações, como *goût*, *vivants*, *jouant* e *doucement* (gosto, vivas, gozando, docemente), são atribuídas à escrita em língua francesa, enquanto ao inglês associam-se expressões negativas, como, por exemplo, *poids mort* (peso morto).

Huston tenta incessantemente organizar as línguas para manter ao menos um pouco da ilusão de transparência e domínio sobre elas, por isso, quando fica evidente a impossibilidade de tal controle, ela se sente mal, cansada, perdida, falsa. Porém, ela só percebe tal impossibilidade quando se relê, não no momento em que está escrevendo. Escrever aparece-lhe, então, como uma forma de fixar os sentidos, entretanto, paradoxalmente, sabemos que a escrita sempre escapa, sempre desliza entre os sons, as formas e os possíveis sentidos. O leitor de Huston percebe o jogo com a língua e se deleita com isso, mas ela descreve que é assustador perceber que dificilmente escapa às aliteraões e aos adjetivos enfáticos (“*je ne résiste pas [...] à l’alliteration et aux adjectifs emphatiques*”, p. 198).

Entretanto, é justamente o estranho da/na língua, a não obviedade que permite e constitui a escrita, pois esta está ligada à curiosidade linguística do autor. Nesse sentido, Huston relata:

A mesma coisa vale para a língua: apenas a partir do momento em que nada era óbvio – nem o vocabulário, nem a sintaxe, nem sobretudo o estilo –, a partir do momento em que estava abolido o falso natural da língua materna, que eu encontrei coisas para dizer. Minha ‘vinda à escrita’ está intrinsecamente ligada à língua francesa. Não que eu a ache mais bela nem mais expressiva que a língua inglesa, mas, estrangeira, ela é suficientemente *estranha* para estimular minha curiosidade. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 14)⁷⁴

⁷³ *Les mots à ma disposition étaient moins nombreux, mais ils avaient un goût, ou plutôt un volume, ils étaient vivants ; je les agenciais en jouant sur les sons comme si je bâtissais une sculpture musicale... et ça marchait.*

⁷⁴ *La même chose vaut pour la langue : ce n’est qu’à partir du moment où plus rien n’allait de soi – ni le vocabulaire, ni la syntaxe, ni surtout le style –, à partir du moment où était aboli le faux naturel de la langue maternelle, que j’ai trouvé des choses à dire. Ma « venue à l’écriture » est intrinsèquement liée à la langue française. Non pas que je la trouve plus belle ni plus expressive que la langue anglaise, mais, étrangère, elle est suffisamment étrange pour stimuler ma curiosité.*

Abolir o falso natural da língua materna significa perceber que a transparência e a homogeneidade da língua são apenas ilusões. Tal percepção é importante para o ato de escrever, porque a escrita também é heterogeneamente constituída (o texto é um tecido) e, além disso, parricida, órfã. Nascimento explica, baseado em Derrida, que, por não ter pai presente, a escrita é um “perigoso suplemento [que] corrói a *lógica da identidade* que sustenta a metafísica da presença” (NASCIMENTO, 2004, p. 29). Assim, a própria escrita é uma forma de abolir o falso natural da língua materna, o que gera um ciclo, sem progenitor, que não se fecha porque cria e mantém multiplicidade da escrita e da identidade.

Ao repensar toda a sua história, desde a escola até o casamento, passando pela profissão de professora e de escritora, Sebbbar conclui e confessa a Huston:

Parece-me às vezes que minha única terra, talvez também para você, é a escrita, a escola, o livro. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 131)⁷⁵

É o desejo de encontrar morada na escrita que aproxima as duas mulheres nascidas em lados opostos do oceano. Ao longo das cartas esse tema retorna inúmeras vezes, de várias formas, associado a diferentes memórias e relacionamentos. Estar no entre (língua e culturas) traz à tona questionamentos territoriais. Como já foi explicado, um país, uma nação ou uma língua não representam repouso e tranquilidade para esses sujeitos que, por diversas razões, tiveram a ilusão de completude e “normalidade” turvadas. A falta de um lugar fixo para repouso gera um desejo incessante por algum lugar que possa refazer a ilusão de completude juntando os fragmentos. Este lugar parece ser a própria escrita para muitos autores, principalmente para autores bilíngues, como nos mostra Klein-Lataud (1996):

A adoção de uma outra língua prova, assim, ser o meio de alcançar a autenticidade. No espaço que ela organiza justamente porque é estrangeira, ela permite respirar, oferece o jogo que permite a emergência do EU da escrita. [...] Esta língua, “matéria misteriosa, invisível e onipresente”, é a chave que lhe [ao escritor] oferece o acesso a um outro mundo e que lhe dá uma outra visão de seu próprio mundo: ela o transporta, em todos os sentidos da palavra. (KLEIN-LATAUD, 1996, p. 214-215)⁷⁶

⁷⁵Il me semble parfois que ma seule terre, peut-être aussi pour toi, c'est l'écriture, l'école, le livre.

⁷⁶L'adoption d'une autre langue s'avère ainsi le moyen d'accéder à l'authentique. Dans l'espace que ménage celle-ci du fait même qu'elle est étrangère, elle permet de respirer, elle offre le jeu qui permet l'émergence du JE de l'écriture. [...] Cette langue, « mystérieuse matière, invisible et omniprésente », est la clef qui lui offre l'accès à un autre monde et qui lui donne une autre vision de son propre monde : elle le transporte, dans tous les sens du mot.

Por ser o lugar do gozo, a escrita representa um refúgio, um templo sagrado onde seria possível encontrar-se e perder-se. Huston, que teve educação católica, diz que a escrita ocupa em sua vida o lugar da Igreja:

Por ninguém no mundo eu renunciaria a isso que ocupa hoje para mim o lugar da Igreja, a saber, a escrita.... (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 58)⁷⁷

Apesar disso, Huston diz não ter ido tão longe em sua reflexão sobre seu exílio quanto Sebbar, para quem o exílio aparenta ser algo mais refletido, conforme observou Huston ao perceber que os livros *Parle mon fils, parle à ta mère* e *Le chinois vert d'Afrique*, escritos por Sebbar, possuíam os mesmos temas das cartas:

Eu acabo de receber *Parle mon fils, parle à ta mère* e *Le Chinois vert d'Afrique*; eu só tive tempo de folheá-los, mas fiquei impressionada com o de fato que nesse momento seus livros exploram sensivelmente os mesmos temas que estas “cartas parisienses”: o exílio, o cruzamento de culturas, a ambivalência ruidosa da relação entre a Argélia e a França... Não é, ou ainda não, meu caso: é apenas nestas páginas, com você, que eu reflito a respeito da minha experiência de estrangeira: tudo o que escrevo em outro lugar é algo escamoteado, um não-dito, talvez um interdito. No entanto, eu não finjo [...] ser uma “verdadeira Francesa”, nem dentro nem fora dos meus livros. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 121-122)⁷⁸

A escrita é a “morada” de Sebbar, de forma que a autora a usa para falar de sua história e dos entrecruzamentos que a constitui:

Eu sou francesa, escritora francesa de mãe francesa e pai argelino..., e os assuntos dos meus livros não são minha identidade, eles são o sinal de minha história de cruzamento, de mestiça obcecada pelo seu percurso e caminhos de travessia, obcecada pelo encontro surrealista do Outro e do Mesmo, pelo cruzamento antinatural e lírico da terra e da cidade, da ciência e da carne, da tradição e da modernidade, do Oriente e do Ocidente. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 134)⁷⁹

⁷⁷ Pour personne au monde je ne renoncerais, moi, à ce qui me tient lieu d'Eglise maintenant, à savoir l'écriture...

⁷⁸ Je viens de recevoir *Parle mon fils, parle à ta mère* et *Le Chinois vert d'Afrique* ; je n'ai eu le temps que de les feuilleter, mais j'ai été frappée par le fait qu'en ce moment tes livres explorent sensiblement les mêmes thèmes que ces « lettres parisiennes » : l'exil, le croisement de cultures, l'ambivalence grinçante du rapport entre l'Algérie et la France... Ce n'est pas, ou pas encore, mon cas : il n'y a que dans ces pages, avec toi, que je réfléchis à mon expérience d'étrangère : dans tout ce que j'écris par ailleurs c'est une chose escamotée, un non-dit, peut-être un interdit. Pour autant, je ne fais pas semblant [...] d'être une « vraie Française », ni à l'intérieur ni à l'extérieur de mes livres.

⁷⁹ Je suis française, écrivain français de mère française et de père algérien..., et les sujets de mes livres ne sont pas mon identité, ils sont le signe de mon histoire de croisée, de métisse obsédée par sa route et les chemins de traverse, obsédée par la rencontre surréaliste de l'Autre et du Même, par le croisement contre nature et lyrique de la terre et de la ville, de la science et de la chair, de la tradition et de la modernité, de l'Orient et de l'Occident.

É nesse sentido que a infância ganha importância em seus escritos, pelo fato de as duas escritoras sentirem-se excluídas e sozinhas quando crianças, ainda que por razões distintas. Por isso elas se refugiavam em livros, já que, enquanto liam, elas não eram julgadas nem segregadas por não se encaixarem na norma padrão de família ou sociedade. A literatura se apresenta como uma forma de fuga, na qual se sentem livres para mentir, para criar outras identidades para si.

Huston afirma: “na conversa, ao contrário da escrita, sou incapaz de mentir” (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 196)⁸⁰. E acrescenta que ama a possibilidade de criar para si, ao escrever, uma identidade “homogênea e monótona” (*homogène et monotone*) – como ela gostaria de ser, mas não o pode. A observação sobre o fato de ser incapaz de mentir ao falar e capaz de fazê-lo ao escrever nos remete à leitura, conforme explica Nascimento (2004), que Derrida faz das considerações platônicas sobre a escrita e a fala, as quais se pautam no logocentrismo, no qual “um discurso falado aparentemente tem uma só voz, uma única substância fônica, enquanto uma escrita pode ser dotada de múltiplas “vozes”, repetidas, diferidas, entrecruzadas” (NASCIMENTO, 2004, p. 25-26). O sentir-se incapaz de mentir na fala parece relacionar-se com o discurso fonocêntrico, o qual entende que a voz representaria a presença, a verdade, a expressão direta do pensamento, enquanto a escrita difere, é órfã de pai, parricida e mentirosa, constituída na diferença e no adiamento.

Todos os relatos das autoras em relação às suas escritas são fundamentais para o entendimento do bilinguismo como condição de suas escritas, pois é a posição entre línguas que causa o estranhamento e o distanciamento possibilitadores da escrita. Para Sebbar é nítida a importância da sua história de cruzamentos em sua escrita, de tal forma que a possibilidade de perder o pai, e sua história, a faz temer não poder mais escrever:

Temo a morte de meu pai. Temo um secamento, porque eu entendo hoje que ele é minha fonte e meu recurso na língua francesa que teria permanecido letra morta, simples ferramenta de expressão, de comunicação, sem história paternal, sem a aventura cruzada, amorosa de meu pai e de minha mãe, da Argélia e da França ligadas na ocupação, na guerra, no trabalho de colonização e de libertação. (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 161)⁸¹

É o imbricamento de diferentes histórias, culturas, línguas e identidades que fazem com que o francês não seja “letra morta”.

⁸⁰ *dans la conversation, contrairement à ce qui se passe dans l'écrit, je suis incapable de mentir.*

⁸¹ *J'ai peur de la mort de mon père. J'ai peur d'un tarissement, parce que je comprends aujourd'hui qu'il est ma source et ma ressource dans la langue française qui serait restée lettre morte, simple outil d'expression, de communication, sans l'histoire paternelle, sans l'aventure croisée, amoureuse de mon père et de ma mère, de l'Algérie et de la France liées dans l'occupations, la guerre, le travail de colonisation et de libération.*

Pensando especificamente no bilinguismo – no entre (as) línguas –, é importante lembrar que a alteridade que marca e constitui o processo de identificação também é fundamental na prática da escrita. Por isso é por meio da escrita que tanto Sebbar quanto Huston tentam juntar seus pedaços e retrazar os fragmentos que as constituem. A escrita aparece, nesse contexto, como uma tentativa de procurar acolhida. Já que viver no país estrangeiro pode ser uma experiência nem sempre acolhedora, escrever na língua do outro parece funcionar como uma forma de apropriação (mesmo que não se realize) do outro, da língua e da cultura do outro, com o intuito de expor e refletir sobre si e seu país de origem, ou ainda, nas palavras de Paulin (2010):

Trata-se de alcançar a língua do pai (interditado, morto) e de a traduzir, de fazê-la viver na língua da mãe, como dois corpos de nascimento conturbados pela história colonial e que é preciso reconquistar. (PAULIN, 2010, p. 8)⁸²

⁸² *Il s'agit d'atteindre la langue du père (interdite, tue) et de la traduire, de la faire vivre dans la langue de la mère, comme deux corps de naissance brouillés par l'histoire coloniale et qu'il faut reconquérir.*

Conclusões

Considerando, então, o que foi discutido e analisado ao longo do trabalho, retomamos algumas considerações pontuais sobre a obra estudada e as problemáticas das línguas e da identidade, as quais são indissociáveis da noção de bilinguismo. De modo específico, o presente trabalho se propôs a analisar a obra *Lettres parisiennes: histoires d'exil*, composta por cartas escritas por Leïla Sebbar e Nancy Huston, publicada em 1986. A análise buscou demonstrar em que medida a escrita das autoras corrobora as ideias pós-modernas de língua ao deslocar a noção de bilinguismo que pode, então, ser entendida como um fenômeno de imbricamento de línguas com implicações subjetivas e identitárias para o sujeito que o vivencia.

Ao longo das cartas observamos não só como se dá processo de identificação das autoras com sua(s) língua(s) e sua(s) escrita(s), mas também a importância da família, da língua e do gênero (feminino) nesse processo. As diferenças nas histórias de vida de cada uma fazem com que se relacionem de formas diferentes com as línguas e as culturas que as cercam. O que as aproxima é o fato de serem mulheres escritoras vivendo longe do país natal. As duas compartilham o relacionamento ambíguo com o Francês, que é, ao mesmo tempo, língua estrangeira e língua da morada.

Pensar a problemática da identidade na perspectiva da pós-modernidade, nos permite entender o bilinguismo de forma não restrita, abrangendo sujeitos que aprenderam outras línguas depois de adultos e também aqueles que vivem entre culturas, apesar de terem sido alfabetizados em apenas uma língua, muitas vezes, no caso dos países colonizados no século XIX, a língua do colonizador.

A língua chamada estrangeira pode ser acolhedora e representar uma possibilidade de voz para alguém que não encontra seu lugar na língua chamada materna. Por outro lado, a língua da mãe nem sempre é lugar de repouso, tranquilidade e transparência. O que fazemos com o que herdamos cultural e linguisticamente é o que nos singulariza. Escrever pode ser uma forma de organizar as línguas que sempre se imbricam. Se as línguas e as identidades fossem um todo homogêneo, uma segunda língua formaria uma segunda identidade – também completa e homogênea – que não se misturaria com a primeira. Porém, o caráter heterogêneo e fragmentado das línguas se transfere para a identidade, e uma segunda língua se imbrica na primeira, transformando a identidade. Sendo que, a identidade está, por sua própria constituição, em constante transformação.

Na perspectiva de alguns autores, como mostramos ao longo do trabalho, a língua materna é aquela na qual toma forma nosso desejo, e a língua estrangeira pode ser entendida como a materialidade do desejo do outro, de ser o outro e de desejar como o outro. Por outro lado, também é possível vivenciar o fenômeno do bilinguismo dentro do que seria chamado de “uma mesma língua”, já que o estranho familiar das línguas desloca a noção de língua materna possibilitando a materialidade do desejo do outro na própria língua da mãe.

Questionamos, então, com e a partir das escritas apontadas nesta pesquisa, a hierarquização entre língua materna e língua estrangeira (na qual tradicionalmente não haveria ponto de contato entre as línguas, sendo a segunda vista como secundária, derivada, e a primeira como única, interiorizada, a mãe.), entre escrita de si e escrita do outro, problematizando o discurso tradicional sobre as concepções de língua, e nos atentando para as diferenças e impurezas presentes no que se convencionou chamar de “uma” língua. Dessa forma somos levados a concordar com Derrida, para quem “nunca se escreve nem na própria língua, nem numa língua estrangeira” (1986, p. 146.), por que a língua sempre nos escapa e nos constitui simultaneamente.

Se, como observaram os formalistas russos, a função da literatura é causar estranhamento, não nos parece absurdo que o estranhamento da língua estrangeira incite a escrita literária que, como nos mostrou Clémens (1997), se apresenta sob o uso do disfuncionamento da língua. Pensando especificamente no bilinguismo de escrita, este parece ser uma forma de dar voz às identidades criadas por essa multiplicidade de línguas. A escrita permitiria ao bilíngue a possibilidade de “recompôr” seus fragmentos e expor por meio do texto o que parece indizível.

Pensar a escrita como um tecido que se forma no rastro, como postula Derrida, fundamenta e justifica, teórica e metodologicamente, a análise das cartas com objetivo de refletir sobre as questões de identidade e bilinguismo. Nesse sentido, buscou-se as particularidades de um bilinguismo que atua como condição de escrita das autoras estudadas. O ato de escrever se apresenta para essas autoras como uma tentativa de apropriação das línguas e das culturas nas quais suas respectivas histórias e identidades se formam. Se não é possível apropriar-se das línguas, tal tentativa ao menos agencia a imaginação e possibilita a escrita. Ainda, problematizando a hierarquia do materno e do estrangeiro e colocando em relevo o entre, aludimos ao trabalho de Deângeli que, em sua pesquisa sobre os escritores magrebinos de expressão francesa, afirma que:

Mas se o próprio da língua é não ter morada própria, se essa constitui-se num e como um processo constante de disseminação, esvazia-se, também, o lugar próprio de onde se fazia valer a hierarquia do materno e do estrangeiro, do familiar e do desconhecido, do possível e do impossível, do dentro e do fora. É no engajamento do entre-línguas ou do entre-as-línguas, ainda que do entre possa irromper o conflito, que podemos ler a tessitura do literário dos escritores sobre os quais nos debruçamos até o momento. (DEANGELI, 2012a, p. 81)

O exílio como território de escrita se torna uma terra singular no qual se inscreve uma escrita estrangeira, no qual se inventa um mundo que mistura o íntimo, o político e o poético, no qual se exerce um olhar que torna visível o invisível de uma realidade deslocada e complexa. Assim, a escrita, apesar de ser geralmente entendida como uma forma de tentar “capturar” a língua, é, na verdade, uma porta para as inúmeras possibilidades da língua; é por meio da escrita que podemos vislumbrar os fragmentos que compõem as línguas e os sujeitos.

O bilinguismo aqui estudado seria representado, então, justamente pela escrita que se constitui no entre línguas, funcionando, por vezes, como forma de estabilizar as múltiplas identidades e de dar voz para o sujeito cujos conflitos identitários faz calar. Partindo da ideia de que alguém que saiba algo, mesmo que pouco, numa língua estrangeira possa ser considerado bilíngue e repensando os limites entre língua materna e língua estrangeira, questionamos a existência do monolinguismo em seu sentido tradicional. Considerar que todos os que entram em contato com outra língua (que nunca é totalmente outra nem totalmente a mesma) tem sua ilusão de transparência e controle dos sentidos turvadas por esse outro “modo de ver o mundo” representado pela outra língua, faz com que pensar em graus de bilinguismo nos pareça improdutivo. A posição de entre é a característica mais marcante do exílio, constituindo as identidades dos sujeitos exilados de forma a deixar mais nítido as heterogeneidades que o constituem.

Daí, entendermos que estudar o bilinguismo é pensar as relações dos sujeitos com “suas” línguas. Por isso, chamamos de bilinguismo, em nossa pesquisa, a relação das autoras com as línguas e suas escritas nessas línguas. A escrita, assim como as línguas e os sujeitos, é composta por deslocamentos identitários, por multiplicidades e heterogeneidades. O bilinguismo acentua essas características, pois, como postula Huston (1999), estar entre línguas e entre culturas favorece a multiplicação identitária.

Dessa forma, consideramos que o fenômeno do bilinguismo deveria ser estudado pela ótica da identidade, pois não é possível desvincular língua e identidade ou língua de identidade. Entendemos que o estudo de obras de autores que problematizam a relação convencional entre língua materna e língua estrangeira, língua própria e língua do outro, interrogando, de maneira

direta ou indireta, a questão do bilinguismo ou do “ser bilíngue”, nos permite melhor apreender os fragmentos (subjettivos e linguísticos) que constituem a identidade e a própria noção de língua ou do que viria a ser uma língua. Nesse sentido, parece-nos pertinente a observação de Robin, segundo a qual:

O escritor é aquele que sem o saber, a maior parte do tempo, faz do seu trabalho de escrita o luto da origem, quer dizer, o luto da língua materna ou mais exatamente da crença de que existe língua materna. O escritor é sempre confrontado com o plural, com vozes, línguas, níveis, registros de línguas, heterogeneidade, diferença, descentramento ainda que só escreva no que, num plano sociológico, se apresenta como uma língua. (ROBIN, 1993, p. 13)⁸³

Concluimos, assim, esta dissertação na qual foi demonstrado alguns vínculos entre a problemática da identidade e a questão das línguas, e esperamos contribuir com futuras pesquisas acerca do bilinguismo no que diz respeito às consequências subjetivas para os sujeitos envolvidos nesse complexo fenômeno.

⁸³ *L'écrivain est celui qui sans le savoir la plupart du temps fait par son travail d'écriture le deuil de l'origine, c'est-à-dire le deuil de la langue maternelle ou plus exactement de la croyance qu'il y a de la langue maternelle. L'écrivain est toujours confronté à du pluriel, des voix, des langues, des niveaux, des registres de langue, de l'hétérogénéité, de l'écart, du décentrement alors même qu'il n'écrit que dans ce qui, sur le plan sociologique, se donne comme une langue.*

Referências bibliográficas

ARROJO, Rosemary. Os estudos da tradução na pós-modernidade, o reconhecimento da diferença e a perda de inocência. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 53-69, jan. 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5064/4567>>. Acessado em: 09 março 2016.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Trad. Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. *Cadernos de estudos linguísticos*, 19. Campinas, p. 25-42, 1990.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Henry Holt, 1933.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo” (1993). Trad. Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.

CHNAIDERMAN, Miriam. Língua(s) – Linguagem(ns) – Identidade(s) – Movimento(s): uma abordagem psicanalítica. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 47-67.

CLÉMENS, Éric. *La Fiction et l'apparaître*. Paris: Albin Michel, 1993.

CLÉMENS, Éric. Les langues dans la langue. *Études françaises*. vol. 33, n. 1, p. 119-122, 1997.

CORACINI, Maria José (Org.). *Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Editora da Unicamp/ Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003a.

CORACINI, Maria José; BERTOLDO, Ernesto Sergio (Org.). *O desejo da teoria e a contingência da prática: discursos sobre/na sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2003b

CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade*. Campinas: Mercado das Letras, 2007a.

CORACINI, Maria José. O espaço híbrido da SUBJETIVIDADE: o (bem) estar/ser entre línguas. In: CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade*. Campinas: Mercado das Letras, 2007b. p. 117-134.

CORACINI, Maria José. Nossa língua: materna ou madrasta? – Linguagem, discurso e identidade. In: CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade*. Campinas: Mercado das Letras, 2007c. p. 135-148.

CORACINI, Maria José. Língua materna-estrangeira: entre saber e conhecer. In: CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade*. Campinas: Mercado das Letras, 2007d. p. 149-162.

DEÂNGELI, Maria Angélica. *A literatura na língua do outro: Jacques Derrida e Abdelkebir Khatibi*. São Paulo: Editora Unesp, 2012(a).

DEÂNGELI, Maria Angélica. Literaturas magrebina de expressão francesa: o desafio identitário de traduzir o(s) outro(s). *Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores*, n24, p. 67-77, 2012(b)

DERRIDA, Jacques. Survivre: Journal de bord. In: DERRIDA, Jacques. *Parages*. Paris: Galilée, 1986. p. 118-218.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminura, 1991.

DERRIDA, Jacques. *Le monolinguisme de l'autre: ou la prothèse d'origine*. Paris: Galilée, 1996.

DERRIDA, Jacques. Carta a um amigo japonês (1987). Trad. Érica Lima. In: OTTONI, Paulo. (Org.). *Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. p. 19-25.

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade* (1997). Trad. Antonio Romane. Rev. Paulo Ottoni. São Paulo: Escuta, 2003.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Cartografias do desejo*. Petropolis: Vozes, 1986.

GREEN, Julian. *Le Langage et son double*. Paris: Éd. Du Seuil, 1987.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade* (1992). Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HUSTON, Nancy. *Jouer au papa et à l'amant*. Ramsay, 1979.

HUSTON, Nancy. *Dire et interdire: éléments de jurologie*, Payot, 1980.

HUSTON, Nancy. *Les Variations Goldberg*. Éditions du Seuil, 1981.

HUSTON, Nancy. *Histoire d'Omayya*. Paris: Seuil, 1985.

HUSTON, Nancy. *Cantique des plaines*. Paris: Actes Sud ; Montréal: Leméac, 1993.

HUSTON, Nancy. *Plainsong*. Toronto: Éditions Harper-Collins, 1993.

HUSTON, Nancy. *Nord perdu*. Paris: Actes Sud, 1999.

HUSTON, Nancy. Nancy Huston : depoimento [fev. 2012]. Online. Entrevista concedida à revista *Psychologies Magazine* em 24/02/2012. Disponível em: < <http://www.editions-iconoclaste.fr/spip.php?article1637> >. Acessado em: 07 março 2016.

HUSTON, Nancy; SEBBAR, Leïla. *Lettres parisiennes: histoires d'exil*. Paris: J'ai lu, 1986.

HUTCHEON, Linda. *The politics of postmodernism*. New York: Routledge, 1989.

KIAN, Soheila ; SEBBAR, Leïla. Une entrevue avec Leïla Sebbar : L'écriture et l'altérité. *The French Review*, 78.1, p. 128-136, 2004.

KLEIN-LATAUD, Christine. Les voix parallèles de Nancy Huston. *TTR: traduction, terminologie, rédaction*. 9, n. 1, p. 211-231, 1996.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos* (1988). Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MATHEWS, Gordon. Sobre os significados de cultura. In: MATHEWS, Gordon. *Cultura global e identidade individual*. Bauru: EDUSC, 2002. p. 15-70.

MCLUHAN, Marshall. *Pour comprendre les médias* (1964). Paris: Seuil, 1984.

MELMAN, Charles. *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e de país*. Trad. Rosane Pereira. Organização e revisão de Contardo Calligaris. São Paulo: Escuta, 1992.

NASCIMENTO, Evando. *Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

NIRANJANA, Tejaswini. *Siting translation*. Berkeley: University of California press, 1992.

OLIVEIRA, Joyce Bacelar. O inconsciente lacaniano. *Psicanálise & Barroco em revista*, v.10, p. 109-120, 2012.

PAULIN, MARTINE. Langue maternelle et langue d'écriture. *Hommes et migrations*, 1288|2010, p. 118-128.

PERSSON, Ann-Sofie. "L'interstice, le dialogue et la migrance : Pratiques épistolaires (auto)biographiques dans *Lettres parisiennes. Autopsie de l'exil* de Nancy Huston et Leïla Sebbar." *Nouvelles Études Francophones*, v.27, n. 1, Dossier spécial Littérature de la migrance, p. 51-65, 2012.

PRASSE, Jutta. O desejo das línguas estrangeiras. Trad. Dulce Duque Estrada. *Revista Internacional*, Rio de Janeiro, ano 1, nº 1, p. 63-73, 1997.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês. (Org.). *Lingua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 21-45.

RENAULT, Emmanuel. L'enjeu politique de l'indentité. In: TAZI, Nadia (Org.). *L'identité: pour un dialogue entre les cultures*. Paris: La Découverte, 2004. p. 113-135.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras / São Paulo: Fapesp, 1998. p. 213-230.

ROBIN, Régine. *Le Deuil de l'origine. Une langue en trop, la langue en moins*. Paris: Presses Universitaires de Vincennes, 1993.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e Diferença*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 73-102.

SEBBAR, Leïla. *La Seine était rouge*. Paris, 1961.

SEBBAR, Leïla. Petites filles en éducation. *Les Temps Modernes*, mai., 1976.

SEBBAR, Leïla. *On te les petites filles*. Stock, 1978.

SEBBAR, Leïla. *Le pédophile et la maman*. Stock, 1980.

SEBBAR, Leïla. *Shérazade*. Stock, 1982.

SEBBAR, Leïla. *Parle mon fils, parle à ta mère*. Stock, 1984.

SEBBAR, Leïla. *Le Chinois vert d'Afrique*. Stock, 1984.

SEBBAR, Leïla. *Les Carnets de Shérazade*. Stock, 1985.

SEBBAR, Leïla. *Le silence de rives*. Paris : Stock, 1993.

SEBBAR, Leïla. *Je ne parle pas la langue de mon père*. France: Julliard, 2003.

TAZI, Nadia (Org.). *L'identité: pour un dialogue entre les cultures*. Paris: La Découverte, 2004.

TODOROV, Tzvetan. Bilinguisme, dialogisme et schizophrénie. In: KHATIBI, Abdelkebir (Org.). *Du bilinguisme*. Paris: Denoel, 1985.

TERMO DE REPRODUÇÃO XEROGRÁFICA

Autorizo a reprodução xerográfica do presente Trabalho de Conclusão, na íntegra ou em partes, para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 24/08/2016


Gabriela Oliveira da Silva
Assinatura do autor